

INSTITUTO FEDERAL GOIANO
CAMPUS MORRINHOS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FÁTIMA CRISTINA DE LIMA

OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Morrinhos – GO

2017

FÁTIMA CRISTINA DE LIMA

OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Trabalho apresentado como requisito obrigatório para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos.

Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges.
Coorientação: Prof. Dr. Sidney de Souza Silva

Morrinhos – GO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/IF Goiano Campus Morrinhos

L732c Lima, Fátima Cristina de.

Os Contos de fadas e a formação das crianças. –
Morrinhos, GO: IF Goiano, 2017.
61 f. : il.

Orientador: Dr. Ronaldo Elias Borges.
Coorientador: Dr. Sidney De Souza Silva

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto
Federal Goiano Campus Morrinhos, Licenciatura em
Pedagogia, 2017.

1. Literatura Infantil. 2. Contos de Fadas. 3.
Desenvolvimento infantil. I. Borges, Ronaldo Elias. II.
Instituto Federal Goiano. Curso de Licenciatura em
Pedagogia. III. Título

CDU 37.04:82-343

FÁTIMA CRISTINA DE LIMA

OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Monografia defendida no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, aprovada em 21 de dezembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges – IF Goiano – Campus Morrinhos
Presidente da Banca

Prof. Dr. Sidney de Souza Silva – IF Goiano – Campus Hidrolândia
Coorientador

Prof.^a Dra. Thelma Maria Moura Bergamo – IF Goiano – Campus Morrinhos
Membro

Prof.^a Ma. Ilma Célia de Paiva Moura – IF Goiano – Campus Morrinhos
Membro

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que iluminou meu caminho me dando sustento para continuar minha caminhada, que sempre foi meu socorro na hora da angústia. A minha filha que indiretamente me deu força, aos professores pela paciência, e incentivo na minha vida acadêmica.

Ao pai de minha filha que me ajudou a cada semestre, com as renúncias que fizemos, com o carinho e cuidando de nossa filha para que eu pudesse concretizar meu sonho.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram próximos a mim, foi uma troca de experiência nessa minha formação acadêmica.

DEDICATÓRIA

Dedico essa conquista a Deus, por ter me dado saúde e força; à minha filha Maísa por ter compreendido minhas ausências.

O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.

...no Bettelheim

RESUMO

O presente trabalho visa traçar um breve histórico acerca dos contos de fadas, assim como apresentar as contribuições que esses contos trazem no processo de formação ou desenvolvimento das crianças. Trata-se de um estudo bibliográfico, de modo que foram utilizadas as concepções teóricas de importantes autores da área da literatura infantil. Para tanto, é apresentada uma breve revisão de literatura visando apresentar os conceitos de literatura com base em Coutinho (1978) e Splenger (2011); são apresentadas também as definições e percurso histórico do desenvolvimento da literatura infantil a partir dos estudos de Scharf (2000), Basso (2009) e Marafigo (2012); no que diz respeito à importância da literatura infantil na formação da criança nos valem os pressupostos de Abramovich (1991); ao tratar especificamente dos contos de fadas, são pertinentes a este estudo os conceitos apresentados por Bettelheim (1980), Richter e Merkel (1993), Coelho (1987, 2005) e Corso e Corso (2006). O estudo indica que os contos de fadas se apresentam como um importante meio para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação das crianças, o que favorece a aquisição do conhecimento e o seu crescimento em diversos campos da sua vida como o social, o emocional, o cognitivo e psicológico.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contos de Fadas. Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

The present work aims to draw a brief history about fairy tales, as well as to present the contributions that these tales bring in the process of formation or development of children. It is a bibliographical study, so that the theoretical conceptions of important authors in the area of children's literature were used. For that, a brief theoretical review is presented aiming to present the concepts of literature based on Coutinho (1978) and Splenger (2011); (2000), Basso (2009) and Marafigo (2012), are also presented the definitions and historical course of the development of children's literature; in relation to the importance of children's literature in the formation of the child, we use the presuppositions of Abramovich (1991); (1995), Richter and Merkel (1993), Coelho (1987, 2005) and Corso and Corso (2006) are pertinent to this study. The study indicates that fairy tales are presented as an important medium for the development of children's creativity and imagination, which favors the acquisition of knowledge and its growth in various fields of life such as social, emotional, cognitive and psychological.

Keywords: Children's Literature. Fairy tale. Child development.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. A LITERATURA INFANTIL.....	12
1.1. Em busca de conceitos	12
1.1.1 O que é literatura.....	12
1.2. A literatura infantil.....	15
1.3. A literatura infantil no Brasil	20
1.4. A literatura infantil na atualidade	23
2. OS CONTOS DE FADAS.....	27
2.1. Conceito de contos de fadas.....	27
2.2. Origens e desenvolvimento dos contos de fadas.....	28
2.3. Contribuições para o desenvolvimento infantil	37
2.4. Os temas infantis nos contos de fadas	41
3. OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	45
3.1. Contos de fada na construção de valores e formação das crianças	45
3.2. Os contos de fadas na sala de aula.....	51
Considerações Finais.....	57
Referências.....	59

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata-se de um estudo de natureza qualitativa de viés bibliográfico que tem como objetivo verificar a importância da literatura infantil, dos contos de fadas, mais especificamente no desenvolvimento ou na formação das crianças. Desse modo, partimos do pressuposto que os contos de fadas podem ser um instrumento importante na formação das crianças, visto que pode fazer que as crianças despertem para o mundo da leitura e, dessa forma, possam se beneficiar por torná-la também em um processo de múltiplas aprendizagens, além de encará-la como uma atividade prazerosa. Assim, a literatura infantil pode propiciar, além do prazer de entrar no mundo imaginário, pode ser uma das chaves para o desenvolvimento e formação da criança, o que está ligado também a um bom desenvolvimento no processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, os contos de fadas podem ser um caminho prazeroso e significativo para que a criança desenvolva a sua imaginação, as suas emoções e os seus sentimentos. Desse modo, esperamos que este trabalho estimule a conscientização a respeito do uso dos contos infantis tanto pelos pais como pelos professores que lidam com as crianças, visto que é preciso saber como se faz para contar histórias, para que as crianças cheguem realmente a descobertas por meio da literatura infantil, literatura esta que, por sua vez, pode levar as crianças ao mágico e à fantasia, um mundo repleto de descobertas, trata-se na verdade da comunicação do real com o imaginário.

Os contos de fadas são considerados como literaturas antigas que cumprem a função de conduzir a criança a situações que provocam os seus desejos, desperta a sua curiosidade, assim como a ajuda a lidar com os seus medos, desse modo, viabiliza que participem ou reflitam a respeito de problemas vinculados à realidade. Assim, os contos de fadas estimulam a imaginação e contribuem também com o desenvolvimento do vocabulário da criança, estimula a sua inteligência, promove a sua socialização. Além disso, por meio da imitação, as crianças podem construir bons exemplos e situações semelhantes às das histórias e, dessa forma, exercitar a memória e a atenção, assim como despertar o interesse e o gosto pela leitura.

Além desta introdução, a presente monografia está organizada em três capítulos. O primeiro apresenta a definição de literatura e, em seguida, apresenta tanto os conceitos como o histórico da literatura. O segundo tem por objetivo discorrer a respeito da concepção de contos de fadas, o que envolve as suas origens e desenvolvimento, bem como as suas contribuições para o desenvolvimento infantil. Por fim, o terceiro capítulo faz uma abordagem mais específica a respeito dos contos de fadas na formação das crianças, assim como traz uma breve reflexão a respeito do seu uso na sala de aula.

1 A LITERATURA INFANTIL

1.1 Em busca de conceitos

As representações artísticas existem desde a era do homem primitivo, ao considerarmos que o homem das cavernas registrava desenhos e escritas rupestres nas paredes das cavernas, lugar onde viviam. Essa era uma forma de representar a cultura de sua própria vida. A partir daí, surgem outras manifestações artísticas com o objetivo de construir o mundo real e o ficcional e, desse modo, registrar e representar as culturas e as histórias da humanidade.

A arte tem formas e naturezas diversas, dentre elas se destacam: a música, através da sonoridade; as artes cênicas que estão ligadas ao movimento e são manifestadas por meio do teatro, das danças e coreografias; a pintura, por meio das cores nas telas e nos grafites; nas esculturas, por meio de objetos e texturas; a fotografia, através das imagens, na literatura, por meio das palavras; nas histórias em quadrinhos, por meio das imagens, cores e palavras; no cinema, através da integração de elementos de diversas artes; na arquitetura, por meio dos ambientes e espaços e, mais recentemente, por meios dos jogos de vídeo, que assim como o cinema integram a maioria dos elementos artísticos e, por fim, a arte digital que se refere à integração das artes gráficas computadorizadas em 2D e 3D. Neste trabalho vamos nos ater à Literatura. Portanto, na seção a seguir, passamos a discorrer mais a respeito do seu surgimento, assim como da sua natureza.

1.1.1 O que é literatura

A palavra Literatura vem do latim *litteris* que significa “letras”. Em latim, o termo literatura remete à instrução, ou seja, um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e está relacionado às artes da gramática, da retórica e da poética. Nesse sentido, podemos definir o texto literário ao fazer a oposição entre o texto científico e o artístico: o texto científico é escrito empregando as palavras no sentido denotativo, visto que a sua função principal é instruir o leitor. O texto artístico ou literário também busca instruir e passar uma ideia ao leitor, no entanto, com a beleza e o efeito emocional que une essa instrução à necessidade estética que toda obra de arte exige. Desse modo, o texto artístico se diferencia do texto científico ao buscar empregar as palavras com liberdade, no sentido conotativo, figurado, posto que esse pretende emocionar por meio da liberdade e da beleza das palavras (COUTINHO, 1978, p. 25).

Portanto, é da linguagem que se escreve uma obra literária. Assim, as palavras são a sua obra-prima. Segundo Coutinho (1978, p. 9-10), a literatura, assim como as outras artes

é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio.

Dessa forma, a aproximação com a literatura se dá por meio da familiarização do indivíduo leitor com os gêneros literários, ou seja, criando hábitos sólidos de leitura. É importante destacar que há literaturas apropriadas para cada idade, desde a literatura infantil até chegar à literatura adulta (NASCIMENTO, 2006, p. 37). Quando se faz referência a gêneros literários trata-se de formas diferentes de trabalhar a linguagem que é considerada um instrumento de ligação entre os diversos textos literários espalhados pelo mundo.

Por meio do uso de palavras, imagens e sons, a literatura oral é a forma mais antiga de contar histórias reais ou fictícias. O ato de contar histórias é uma forma de entretenimento, educação e preservação da cultura. Assim, é também um modo de inculcar conhecimentos e valores morais e culturais. Portanto, a literatura oral é considerada com um elemento cultural que teve e tem extrema importância na constituição da cultura da humanidade, haja vista que os seres humanos têm uma habilidade natural para usar a comunicação verbal para ensinar, explicar e entreter.

A contação de histórias, segundo Mateus et al. (2014, p. 55),

é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, porque mais tarde iam se tornar registros pictográficos, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderia ser lido e compreendido pelos integrantes do grupo.

Tais registros estavam ligados a narrativas orais e, portanto, uma forma de registrar a memória, pois ainda não existia a escrita. A literatura oral tradicional, que surge num período em que ainda não existia a escrita, trata-se de uma forma de transmitir o conhecimento de povo de geração após geração. É importante destacar que a literatura oral depende da experiência pessoal e da imaginação, assim como da combinação de gestos e expressões. Ao se valer desses elementos, valores artísticos e culturais, como simples mensagens ou apelos e sentimentos eram transmitidos de uma pessoa para outra.

Na literatura oral, existe tanto o narrador que cria a experiência como a audiência que passa a criar as imagens mentais a partir das palavras ouvidas e dos gestos vistos. Geralmente, o narrador desses textos orais se vale de uma sequência de incidentes que passam a compor uma trama com início, meio e fim. Para tal fim, ele visualiza os personagens e os cenários e passa a improvisar o fraseado, de modo que uma história oral jamais se repete, pois, dificilmente, será contada da mesma forma. Com o surgimento da escrita, as histórias passaram a ser gravadas, transcritas e compartilhadas pelas diversas regiões do mundo. Acredita-se que o ato de contar histórias esteja ligado ao homem devido à necessidade de contar as suas próprias experiências aos outros. O homem tem orgulho de suas próprias tradições, lendas e histórias, visto que estas expressam sua cultura e devem, portanto, ser preservadas. Daí surge a relação entre a oralidade e a literatura.

Desse modo, a literatura, como uma produção artística está integrada a um tempo preciso, a uma determinada cultura e ligada à história e às tradições de um determinado povo. Portanto, expressa o contexto tanto de uma cultura como de uma época específicas.

A arte literária como um todo, envolve as leituras e análises de textos verbais, que podem ser orais ou escritos, ficcionais ou verídicos, que têm o poder de provocar diferentes reações emocionais como alegria, tristeza, raiva, compaixão e outros, nos leitores e ouvintes. Portanto, a literatura permite que o indivíduo saia do

mundo real e se integre ao mundo da fantasia. Embora não modifique a realidade, pode ser uma forma de registrá-la e, desse modo, oferecer aos leitores e ouvintes a oportunidade de poderem reavaliar a sua própria história de vida e os seus comportamentos, pois viabiliza a reflexão sobre as experiências por meio da construção simbólica.

Ao ler um texto literário, o indivíduo tem a oportunidade de entrar em contato com a sua própria história e, desse modo, compreender questões ligadas ao presente, ao passado e ao futuro. Além disso, a leitura do texto literário permite que o leitor reflita, critique e se emocione. Assim, ele pode vivenciar as suas próprias experiências, o que pode lhe proporcionar uma reflexão sobre a sua vida.

Portanto, assim como mostra Nascimento (2006), a literatura é uma transfiguração do real para o mundo imaginário, é a realidade recriada e transmitida pela linguagem, formando os gêneros, nos quais se transformam em um novo corpo e uma nova realidade.

A seguir, passamos a discorrer a respeito de uma literatura mais específica: a literatura infantil.

1.2 A literatura infantil

Historicamente, os primeiros livros direcionados para a criança surgem no século XVIII, especialmente pelas obras dos autores La Fontaine e Charles Perrault que se dedicavam a escrever as suas obras, focando nos contos de fadas com o objetivo de atender ao público infantil. É importante destacar que um marco do início da literatura infantil são as obras “O conto da mamãe gansa”, “O gato de botas”, “Cinderela” de Charles Perrault (1628-1703).

De acordo com Machado (2002, p. 74),

os contos de fadas pertencem ao gênero literário mais rico do imaginário popular. Essas histórias funcionam como válvula de escape e permitem que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais feliz dessa experiência.

O surgimento da literatura infantil com as suas próprias características surge da família burguesa. Um marco desse período é o fato de a criança passar a ser reconhecida como um ser diferente, com características e necessidades próprias diferentes daquelas do adulto.

Anteriormente, a criança era considerada como um adulto em miniatura, a qual participava de todos os assuntos até mesmo nos tribunais e ouviam as histórias que eram para os adultos.

Na sociedade antiga, não havia “infância”: nenhum espaço separado do “mundo adulto”. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, morte, doença) participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc.; tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos. (RICHTER *apud* ZILBERMAN, 1987, p. 05).

Essa mudança de concepção da criança está em consonância com o que postula Vygotsky (1987) ao afirmar que é preciso que a criança seja entendida um como ser social e histórico que apresenta diferenças de procedência socioeconômico, cultural, familiar, racial, de gênero, de faixa etária e que precisam ser conhecidas, respeitadas e valorizadas tendo como finalidade o desenvolvimento integral nos aspectos físico psicológico, intelectual e social contemplando a ação da família e da comunidade.

Assim, o surgimento da literatura infantil ocorreu no século XVII, especialmente a partir da vontade de contar histórias, fato esse que estava ligado à forma de comunicação entre os homens que contavam as suas vivências e experiências de vida, e tinham, segundo Basso (2009), como um dos seus objetivos educar as crianças.

No final do século XVII, foram escritos os primeiros livros voltados às crianças. Tais livros eram redigidos pelos próprios professores com o objetivo de ensinar valores, hábitos, assim como ajudá-las a enfrentar a realidade social. Os livros eram produzidos para proporcionar uma leitura utilitária e atender às necessidades de formação das crianças para uma vida em sociedade. As crianças da classe nobre liam grandes clássicos enquanto as crianças pobres liam ou ouviam as lendas e contos folclóricos (BASSO, 2009).

Spengler (2011) afirma que houve, em 1654, a primeira ideia de escrever um livro com ilustrações próprio para o público infante-juvenil, pelo educador tcheco Jan Amos Comenius que publicou a obra “*Orbis pictus*” (O mundo de imagens) que não se tratava de uma obra literária propriamente dita, mas de uma enciclopédia ilustrada que usava a imagem como objetivo educativo.

Já de acordo com Silva (2009), a literatura infantil surgiu no Século XVII com Fenélon (1651-1715), com a função de educar moralmente as crianças, deixando claro o que devia ser ensinado, ou seja, que o bem deveria ser aprendido e o mal ser desprezado. É importante destacar que no Século XVII, os protestantes tiveram grandes influências e estímulos nas sociedades, em resultado da importância da organização patriarcal por eles desenvolvida. Tal fato repercutiu também na literatura infantil.

Segundo Scharf (2000, p. 65), para os pastores a criança devia ser domada por uma educação religiosa rígida. Essa educação era realizada por meio dos manuscritos religiosos que falavam sobre a vida dos apóstolos cristãos, lidos para as crianças. Nesta época já havia um interesse especial pela criança, que originou os primeiros tratados da pedagogia, escritos pelos protestantes, ingleses e franceses, e que eram totalmente voltados para a formação religiosa.

Foi durante o Século XVIII que a literatura infantil ganhou fôlego e passou a ter o seu verdadeiro valor. Isso se deu, porque foi especialmente a partir daí que as famílias passaram a se reunir, tanto os adultos como as crianças, muitas vezes junto às lareiras, durante os rigorosos invernos europeus. É importante destacar que anteriormente havia uma assimetria entre homens, mulheres e crianças, de modo que foi apenas no Século XVIII que as mulheres e crianças passaram a ganhar mais liberdade, o que resultou em um maior calor afetivo entre elas, de modo que isso atenuou a obediência ao poder paterno e à hierarquia. Scharf (2000) mostra que alguém se encarregava de fazer a leitura enquanto os outros – as crianças – paravam atentos para ouvir o repertório que, geralmente, prendia a sua atenção, de modo que ficam fascinados em ouvi-las. Segundo a autora, tratava-se de momentos coletivos com o predomínio da literatura oral. Tais colóquios aconteciam tanto nas classes nobres como para as crianças do povo comum. No entanto, é importante destacar que havia diferenças nos textos que circulavam entre as diferentes classes sociais. Para as crianças da classe nobre eram lidos textos clássicos, enquanto a criança do povo participava da mesma literatura oral voltada para o público adulto que contavam histórias como as lendas. Muitas vezes, o povo se reunia à beira das fogueiras para contar e ouvir histórias.

Foi durante o Século XVIII que surgiu também a preocupação com a criação de uma escola que atendessem a todas as crianças. Nessa perspectiva, com o objetivo de alfabetizar a criança, a escola passou a usar a leitura como uma forma de intermediar a cultura à criança o que se tornou uma forma de abrir as portas ao conhecimento. Nesse mesmo período foi criada a tipografia, o que possibilitou novas formas de impressão, como os jornais e livros.

Segundo Basso (2009), vários autores viram a necessidade de adaptar e transformar os contos devido ao grau de violência e crueldade, o que não poderia ser passado para a criança que havia ser reconhecida como tal. Uma das histórias mais famosa e que mais sofreu transformações foi “Chapeuzinho Vermelho”, que tinha uma história com requintes de crueldades, sexo e canibalismo, ou seja, conteúdos que jamais poderiam ser contados para uma criança.

Nesse sentido, é importante destacar que a produção dos livros infantis escritos no início do século XIX no Reino Unido, na França e na Alemanha teve muita influência de Jean-Jacques Rousseau. Este filósofo francês se preocupava com o crescimento espontâneo e normal da criança e com um ambiente que propiciasse o desenvolvimento e o ensino da literatura. Foi justamente visando atender a essas especificidades que as ilustrações passaram a estabelecer um código de linguagem visual, de modo que o livro infantil passou a ser também um objeto de arte e entretenimento que vinculava os valores morais e educativos daquela época.

Segundo Splengler (2011), o surgimento do livro ilustrado provocou uma série de mudanças sociais, econômicas e culturais na sociedade. Isso se deu por favorecer o aumento do comércio e da divulgação de textos literários para crianças com ilustrações, gerando, a necessidade na demanda de escritores e ilustradores. Os livros ilustrados começaram a ser divulgados no século XIX, especialmente, na Inglaterra na Pós-Revolução Industrial, período que a criança passou a ser reconhecida como um ser diferente do adulto, com características e necessidades próprias. Desse modo, para atender o público infantil, começou a criação e produção de vários produtos industrializados, como brinquedos e livros, que passaram a ser considerados como objetos de consumo.

Lajolo e Zilberman destacam que

a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária [...], a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade, [...] a escola incorpora ainda outros papéis, que contribuem para reforçar sua importância, [...] por força de dispositivos legais, ela passa a ser obrigatória para crianças de todos os segmentos da sociedade (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17-18).

De acordo com Splengler (2011), a concretização da relação entre a palavra e a imagem nos livros de recepção infantil e juvenil surgiu com o gênero chamado produção literovisual, que teve William Blake e Edward Lear como os seus precursores ao adotarem esse gênero em suas produções. Em 1789, William Blake publicou o livro “Canções da inocência”, que integrava o texto e a imagem. Essa obra se tornou uma referência no início das pesquisas da ilustração em livros para crianças. Os elementos existentes nas ilustrações mostraram o pioneirismo do autor ao iniciar a utilização de imagens narrativas nos livros infantis.

Nesse sentido, Splengler (2011) destaca que as narrativas ilustradas dos séculos XVIII e XIX eram textos visuais nos quais as imagens se originavam de outras imagens já conhecidas, que proporcionavam o conhecimento para a história da ilustração. Naquele mesmo período, a escola passou a ser obrigatória e

responsável pela divulgação dos valores morais e com a função de preparar a criança para um mundo de trabalho. Portanto, a literatura passou a adquirir também um caráter pedagógico e uma função formativa, de modo que tinha que repetir os valores da burguesia dominante. Foi justamente nesse ínterim que os livros infantis passaram a ser reconhecidos como obras de arte. Os livros impressos se tornaram um item de luxo para a nova sociedade burguesa devido às imagens fotográficas coloridas. A ilustração dos livros destinados às crianças expandiu o uso de técnicas e cores e, dessa forma, despertou o gosto e o prazer da criança pela leitura.

Scharf (2000) mostra que, no início do século XIX, duas obras marcaram fortemente a história da literatura infantil. A primeira obra, desenvolvida para as crianças e a família, em 1812-1815, conhecida como os Contos de Grimm, que conta com mais de 200 narrativas de fundo popular. Essas obras se espalharam e são conhecidas mundialmente. A coleção contém contos como: a Branca de Neve e os Sete Anões, João e Maria e Os Músicos de Bremen, entre outras. A segunda obra foi a do dinamarquês Hans Christian Andersen (1835), com uma coleção de contos de fadas: O Patinho Feio e O Soldadinho de Chumbo por conter a humanização dos bichos e objetos com muita criatividade.

Assim como aponta Scharf (2000), Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm e Charles Perrault foram os precursores das obras que tiveram grande aceitação entre as crianças, isso porque conseguiram desenvolver na criança um mundo de fantasias, aventuras, medos, suspenses, um mundo de histórias e poesias. O que faz que essas obras tenham um caráter lúdico e conformem um gênero específico voltado para as crianças.

No entanto, como aponta Silva (2009), a literatura infantil passou por uma crise desde seu surgimento no século XVIII, sendo vítima dos preconceitos, rótulos e banalizações quanto à sua importância seja na função pedagógica ou artística. A crise se deu, justamente, pelo seu caráter singular, pois havia uma comparação hierarquizada entre a literatura destinada ao público adulto e a literatura infantil.

De um modo geral, a literatura infantil é um fenômeno repleto de criatividade que representa a vida, o mundo e a realidade que vivemos. A literatura infantil é um elemento importante que propicia à criança o desenvolvimento das suas emoções, da sua imaginação, assim como dos seus sentimentos de forma prazerosa, proporcionando-lhes condições tanto de criar como de usar o seu raciocínio e, dessa forma, criar a liberdade de expressão. Assim, um dos principais objetivos da literatura infantil é desenvolver a imaginação, a emoção e a fantasia da criança harmonizando esta à realidade.

Nesse sentido, assim como aponta Marafigo (2012, p. 18), a literatura infantil é um instrumento de extrema importância na construção do desenvolvimento social e cognitivo da criança. Portanto, é importante que seja utilizada de modo adequado, visando despertar as crianças para o mundo da leitura significativa e prazerosa. Para tanto, é necessário transformar a leitura em uma atividade prazerosa.

A autora mostra que a leitura prazerosa se refere àquela que permite que a criança entre no mundo imaginário e, assim se aproprie das culturas e saberes contidos na obra literária. Essa leitura propicia a aquisição de informações que possibilitam a construção do seu próprio conhecimento. Por conseguinte, é fundamental que a criança tenha acesso à literatura na infância. Marafigo (2012, p. 49) assevera que o contato das crianças com os livros e as histórias podem se transformar na chave para um bom aprendizado escolar.

Nessa perspectiva, o aprendizado da linguagem facilita a compreensão das palavras e dos símbolos e permite que a criança entenda o mundo imaginário que representa elementos do real.

De acordo com Basso (2009, p. 87), a literatura infantil trata-se de um gênero literário definido pelo fato de se destinar a um público específico – as crianças. A autora também aponta que a literatura infantil leva a criança a se descobrir no mundo em que vive. A partir daí, a descoberta leva a criança a viajar, a se descobrir e atuar num mundo, muitas vezes mágico, que dá a ela a oportunidade de modificar a sua realidade seja ela boa ou ruim, o que depende da sua imaginação. Por meio da leitura das obras literárias infantis a criança pode vivenciar os seus sonhos por se tornar um dos seus personagens, ou seja, passa a se transformar em príncipes, princesas ou heróis e heroínas com os quais se identifica.

1.3 A literatura infantil no Brasil

O surgimento da literatura infantil, no Brasil, se deu a partir da publicação de algumas obras como: *Contos seletos das mil e uma noites*, Figueiredo Pimentel e *Contos da Carochinha* de Carlos Jansen, dentre outros. Porém, assim como destacam Jesus e Menegatti (2015), algumas das adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus em edições traduzidas para o Português se distanciavam muito da língua e da cultura dos brasileiros, o que exigia o ajuste dos textos europeus para que entrassem nos padrões brasileiros de leitura. Ainda assim, é importante destacar que o verdadeiro início da literatura infantil, de fato “brasileira” ocorre com a publicação, em 1921, de *Narizinho Arrebitado*, do escritor paulista Monteiro Lobato.

José Bento Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, no interior de São Paulo. Filho de Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Ele foi alfabetizado em casa pela sua mãe e desenvolveu desde cedo o amor pela literatura. Com sete anos, começou a ler os livros da biblioteca do avô, o Visconde de Tremembé, e foi quando passou a frequentar a escola. Monteiro Lobato trabalhou como desenhista e caricaturista. Formou-se em Direito, atuou com promotor público, período que conheceu Maria Pureza da Natividade de Souza e Castro, com a qual se casou em 1908 quando ainda atuava como promotor em Areias, São Paulo. Em 1911, Lobato muda-se para uma fazenda que ganhou de herança de seu avô e, assim, se torna fazendeiro. Com o novo estilo de vida, Monteiro Lobato passou a publicar as suas obras em jornais e revistas. Depois, reuniu os contos que havia escrito na sua obra *Urupês*. Seus livros foram editados em Lisboa e Paris até que Monteiro Lobato fundasse a sua própria editora, Monteiro Lobato & Cia, e passasse a publicar os seus próprios livros no Brasil (DUARTE, 2017).

De acordo com Duarte (2017), Monteiro Lobato mistura realidade e fantasia nas suas obras de forma mágica, sonhadora e contagiante com os propósitos interligados tanto o de divertir como o de ensinar. As suas criações são voltadas para a literatura paradidática, ou seja, aquela em que se aprende brincando.

Monteiro Lobato foi um autêntico nacionalista que criou aventuras com personagens bem brasileiros. O autor procurou resgatar as raízes da cultura brasileira, no entanto, visando inovar as suas obras por fazer uma mistura com os elementos da literatura universal, a mitologia grega, assim como com a mescla com os quadrinhos do cinema, o que originou *Peter Pan* brincando com o Gato Félix e o Saci, ensinando

truques para a Chapeuzinho Vermelho no País das Maravilhas de Alice. Como aponta Matozzo (2009), Monteiro Lobato criou uma obra diversificada, dentro do universo ficcional, valorizando o folclore nacional, Pedrinho e Narizinho são personagens exploradores desse universo ficcional, onde se encontram com seres fantásticos como: o Saci, a Cuca, a Mula-sem-cabeça, a Iara, o Lobisomem, o que permite ao leitor a compreensão da cultura brasileira.

Segundo Matozzo (2009), Monteiro Lobato criou uma literatura que possibilitou que as suas obras despertassem o interesse e chamassem a atenção das crianças para uma leitura prazerosa, de modo que podiam viajar e sonhar através do imaginário. A autora ressalta que além de despertar o interesse da criança através do imaginário, ele ainda as conscientiza com a sua literatura denunciadora, a respeito de alguns fatos políticos, econômicos e sociais. No entanto, vale destacar que Lobato trata de problemas reais de forma lúdica o que desperta o interesse das crianças, até mesmo dos adultos, como por exemplo, a exploração do petróleo que ele retrata na obra, “O Sítio do Pica-pau Amarelo”. Posteriormente, Lobato escreve o livro “O Poço do Visconde”, no qual conta a história da descoberta do Petróleo, criando personagens as quais dizem tudo o que ele pensa sobre a descoberta.

A obra mais famosa de Monteiro Lobato é o Sítio do Pica-pau Amarelo e seus habitantes. As histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo são contadas por Dona Benta, uma senhora simpática que gosta de contar as fabulosas histórias que encantam o mundo imaginário da criança por meio dos personagens criados, como a Emília que é uma boneca de pano falante, criada pela tia Anastácia, a cozinheira do sítio, a boneca é muito curiosa, travessa e tagarela. A Dona Benta é uma senhora muito religiosa que adora contar histórias folclóricas. No sítio encantado, até os animais falam, como por exemplo, o porco Marquês de Rabicó, o Visconde de Sabugosa, um espantalho feito com sabugo de milho, que é um cientista que fabrica um pozinho mágico de pirlimpimpim para levar as pessoas a descobrirem o mundo mágico incrível. No sítio existem ainda os personagens folclóricos como o Saci Pererê, a Mula sem cabeça, o Curupira e a Iara.

De acordo com Luiz (2005), Monteiro Lobato autor da série o Sítio do Pica-Pau Amarelo, se consagrou com a coletânea de Reinações de Narizinho (1921) entre as suas obras estão: O Saci (1921), Viagem ao Céu (1932), Histórias do Mundo para Crianças (1933), Caçadas de Pedrinho (1933), Emília no País da Gramática (1933), Geografia de D. Benta (1935), Memórias de Emília (1936), Serões de D. Benta (1937), Histórias de Tia Nastácia (1937), O Minotauro (1937), O Poço do Visconde (1937), A Chave do Tamanho (1942) e Os Doze Trabalhos de Hércules (1944). Em homenagem a José Bento Monteiro Lobato, como o criador da literatura infantil no Brasil, autor de inesquecíveis histórias infantis, ficou instituído pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002 o dia 18 de Abril como o dia Nacional do Livro Infantil, em homenagem ao nascimento de Monteiro Lobato que lutou para ampliar a leitura no Brasil.

Portanto, foi a partir das obras autênticas de Monteiro Lobato que a literatura infantil brasileira ganhou corpo e definição. Desse modo, foi Lobato quem implantou uma nova versão da literatura infantil no país, que foi capaz de modificar a percepção de mundo e emancipar os seus leitores infantis. Assim, como apontam Jesus e Menegatti (2015, p. 9) “percebe-se a importante ruptura estabelecida por esse autor na produção das obras que rompem com os moldes tradicionais”.

De acordo com Splenger (2011), o século XX se apresentou como um período de grande crescimento na literatura brasileira, especialmente, com a produção de Monteiro Lobato. Preocupado com o interesse da criança pela leitura o autor se dedicou a escrever para a infância, ou seja, escrever obras com uma linguagem própria, investindo na literatura voltada ao público infantil.

Assim, como aponta Scharf (2000), a literatura infantil brasileira tem características originais, com contribuições europeia, africana e indígena. A literatura oral era narrada pelas avós, com o objetivo de entreter as crianças com histórias do folclore português. Às crianças eram contadas tanto as histórias das escravas negras, que viviam nos engenhos, assim como sobre a cultura indígena a qual trouxe inúmeros elementos que enriqueceram o imaginário da criança, dentre esses se destacam figuras como a Iara, o Minhocão, o Matitaperê e outros.

Além de Monteiro Lobato, outros escritores como Ziraldo com suas obras: “O Menino Maluquinho”, “A bonequinha de pano”, “Este mundo é uma bola”, “Uma professora muito maluquinha” e Ana Maria Machado com: “A Grande Aventura de Maria Fumaça”, “A Velhinha Maluquete”, “O Natal de Manuel”, também se dedicam ao público infantil e são autores de destaque.

1.4 A literatura infantil na atualidade

No passado, a literatura infantil foi motivo de grandes preocupações no que diz respeito à aceitação desse gênero. No entanto, é possível constatar que, na atualidade, tanto a produção de trabalhos teóricos como a sua inserção na sociedade, especialmente, no contexto escolar, em relação ao texto e à imagem tem ganhado força, sobretudo, no que se refere à imagem e ao texto, voltados para o público infantil e juvenil (SPLENGER, 2011).

A literatura infantil conseguiu ocupar o seu espaço, pois, assim como mostra Splenger (2011), conseguiu assumir uma função sociocultural, conquistando o seu leitor pela sua forma lúdica que possibilita várias maneiras de ver o mundo. Atualmente, a literatura é considerada como uma arte que foge dos padrões vigentes, constituindo-se como um novo objeto de conhecimento à medida que amplia e renova a sua percepção transformando a criança em um leitor crítico.

Para Abramovich (1991, p. 16) ouvir histórias é importante para formação leitora das crianças. Segundo a autora, “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”.

Silva (2009) tece uma crítica interessante em relação à produção mercadológica de textos infantis. mostra que, atualmente, a literatura infantil se encontra em uma crise ocasionada pelos seguintes fatores: o conceito mercadológico e o caráter pedagógico. A autora destaca que o ensino e a produção da literatura infantil são considerados como uma parte mercadológica que visa apenas valor comercial de venda e consumo. Dessa forma, prima-se a quantidade e não a qualidade destinada ao projeto político ligado à educação e à escola.

A valorização mercadológica da literatura faz que as obras literárias percam o seu valor estético de observação do mundo e impeça o desenvolvimento cognitivo da criança de construir as suas próprias ideias e de se tornar um cidadão crítico, se transformando apenas em leitores funcionais, ou seja, ler sem saber o que estão

lendo. Com a valorização mercadológica da literatura infantil é possível observar que as obras e os livros infantis são produzidos para atender a um público médio e que são utilizados como moldes e fórmulas prontas para a construção desses livros que, muitas vezes, apresentam péssima qualidade de impressão, ilustrações fora do contexto e falha no conteúdo escrito, o que tende a gerar textos empobrecidos em relação à qualidade, posto que prioriza apenas à busca desenfreada do produto de valor comercial que atenda ao mercado atual que procura a quantidade e não a qualidade. A supervalorização da literatura infantil como produto comercial e as indicações de faixas etárias comprometem a literatura reduzindo-se a um grupo de leitores, ignorando a capacidade intelectual e o desejo pela literatura.

Continuando, Silva (2009) pondera que além do conceito mercadológico, há também o caráter instrutivo. Para a autora, esse caráter para a literatura infantil está ligado ao fato de esta ter surgido como forma de educar, apresentando fins educativos dando-lhe uma visão da literatura infantil e, portanto, uma função didático-pedagógica.

Nessa mesma linha argumentativa, Scharf (2000) mostra que a literatura infantil é uma das áreas editoriais que mais tem se desenvolvido e que vem ganhando cada vez mais espaço na área acadêmica, nas escolas de ensino fundamental e médio, na imprensa e na preocupação dos pais em relação ao gosto da criança pela leitura. Desse modo, a literatura infantil que era vista apenas como um gênero secundário, um brinquedo, com o objetivo de manter a criança entretida e quieta, passa a ter um caráter pedagógico. Portanto, surgem várias discussões, colocando em questão a finalidade da literatura destinada à criança. Qual é, de fato, a natureza da literatura infantil? Esta pertence à arte literária ou à área pedagógica? Ela deve ser vista como instrução ou como diversão?

Nesse sentido, segundo Zilberman (1985, p.14-15), é importante que se considere seguinte questão:

os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.

A crítica de Silva (2009) ao fato de a literatura ser empregada para fins pedagógicos se dá pelo fato de dentro do conceito de literatura como caráter pedagógico, a leitura ser considerada como uma atividade sem compreensão e interpretação dos textos lidos, que reconhece apenas as letras que formam palavras e constitui um texto qualquer. Portanto, a autora mostra que surge a importância de estimular o hábito da leitura infantil. Faz-se necessário que a habilidade no desenvolvimento do hábito ler seja estimulada no meio escolar, na família e em toda a sociedade e que não seja considerada apenas fonte didático-pedagógica.

Coelho destaca que, na contemporaneidade, a função da literatura. Segundo a autora, essa função seria a

intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a Sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (1987, p. 105).

Uma das principais barreiras que a literatura infantil enfrenta no Brasil, segundo Nascimento (2006), é o fato de poucas crianças serem estimuladas a terem o hábito ler, a maioria delas tem o primeiro contato com a leitura quando chegam à escola. Além disso, a experiência da leitura na escola traz muitas dificuldades, principalmente porque a criança vê a leitura como obrigação, isto porque muitos professores não gostam de trabalhar com a literatura infantil, não fazem usos de técnicas que ajudam a dar vida às histórias contadas em sala, não levam em conta a faixa etária da criança e não se preocupam em indicar livros que estimulem o gosto pela leitura.

É preciso encarar a literatura infantil na atualidade como uma forma de preparar as crianças para enfrentarem as dificuldades da vida cotidiana. É possível encontrar uma série de livros infantis que são produzidos para atender às necessidades sociais que representam o sistema educativo, isso pode se dar por meio de uma literatura quer seja esta realista, fantasista ou híbrida. Essas possibilidades estão em consonância ao que postula Nascimento (2006) ao colocar que

mesmo nos tempos atuais, em que a imagem e a comunicação são instantâneas, a palavra literária escrita poderá trazer muita bagagem cultural e uma forma ideal de se fazer uma leitura de mundo. Percebe-se que os trabalhos a serem desenvolvidos com a literatura infantil são diversos e produtivos, mas o que mais nos preocupa é como direcionar este trabalho para conseguir fazer da criança não apenas um “ledor”, que lê para cumprir uma tarefa, mas um “leitor”, que vai além, que lê por prazer e por necessidade de buscar mais conhecimentos e conseqüentemente entender melhor o mundo ao seu redor. (NASCIMENTO, 2006, p. 22)

Atualmente, podemos dizer que vivemos em uma sociedade capitalista numa época que a tecnologia e a mídia dominam a mente das crianças, levando-as a um consumo sem limites. Nesse cenário, Nascimento (2006) mostra que a preocupação de ter um local adequado que possa oferecer uma leitura prazerosa para o público infantil é uma forma de chamar a sua atenção para o gosto de aprender a ouvir e contar histórias. Essa prática pode ser um meio eficaz de evitar futuros problemas para as crianças, haja vista que estão usando apenas a habilidade visual propiciada pela tecnologia (a televisão, *tabletes*, celulares e computadores).

De acordo com Nascimento (2006), há pouco tempo, a literatura infantil era considerada pelo o adulto como um gênero secundário, vista como forma de entretenimento para divertir e distrair as crianças. Aos poucos a concepção sobre literatura infantil, como forma de formar leitores com consciência e de compreensão do mundo através da literatura vem sendo mudada. A literatura tem a função de desenvolver na criança uma visão ampla dos seus conhecimentos, tornando-a mais reflexiva e crítica, diante da realidade em que vive e atua e tem o poder de estimular o imaginário, de esclarecer dúvidas, de criar novas ideias e solucionar problemas encontrados pelo leitor.

Segundo Abramovich, a literatura [infantil] “é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos”. (1991, p. 17).

O ato de ler é um ato da sensibilidade da inteligência, da compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catedraticamente ampliamos a condição humana. Esta sensação de plenitude, iluminada, ainda, que dolorosa a aguda tem sido a constante que o discurso artístico proporciona. Diante de um quadro, de uma música, de um texto, o mundo inteiro, que não cabe no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca a totalidade, como se, pela parte que tocamos, pudéssemos entrever o não visto e adivinhar o que, de fato, não experimentamos (YUNES, 1995, p. 185).

Portanto, assim como mostra Malamut (1990, p. 6) é importante ressaltar que “lidas ou contadas as histórias constituem-se em generoso processo educativo, pois ensinam recreando, dando à criança os estímulos e motivações apropriadas para satisfazer suas tendências, seus interesses, suas necessidades, seus desejos, sua sensibilidade. Dessa forma, no processo de literatura ouvir histórias, serve para a construção da linguagem, ideias, valores e sentimentos, e contribui na ampliação e na transformação dos conhecimentos que a criança aprende antes de chegar a escola e durante todo o seu processo aquisição de conhecimentos nos anos escolares.

2 OS CONTOS DE FADAS

Em princípio, os contos de fadas eram relatos de fatos da vida de pessoas simples, cercadas por conflitos e aventuras que indicados a serem contados para o público adulto. Por muitos anos, tais fatos relatados serviram como entretenimento distração. Posteriormente, a partir da idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa, foram criadas as 14 fadas, às quais foram concedidos poderes sobrenaturais.

Com esses poderes, as fadas tinham a capacidade de resolver os conflitos existentes nas histórias. Os contos de fadas existem há muitos anos e são considerados como importantes para a formação e o ensino-aprendizagem das crianças. Os contos de fadas abrem caminhos para o pensamento imaginário das crianças, despertando a curiosidade, que é fundamental para atrair a sua atenção enquanto ouvintes. Segundo Coelho (2005, p. 21), “os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”.

2.1 O conceito de contos de fadas

Segundo Silva (2008), os contos de fadas são histórias transmitidas oralmente de geração em geração que fascinam e despertam a imaginação principalmente das crianças, porque tratam de temas reais que vivemos em nosso cotidiano, como por exemplo, a criança que sofre o abandono, a morte, a perda dos pais entre outras dificuldades, criam expectativas imaginando um final feliz, uma transformação, o perdão, a punição pela injustiça, a esperança de resolver seus conflitos.

Historicamente os contos de fadas ofereciam e continuam oferecendo informações sobre a sociedade em seus diferentes aspectos com relação ao poder, ao afeto, às concepções de família e moralidade. Essa produção literária sempre foi apreciada pelos educadores, pelos pais, principalmente pela educação infantil, ela promove o encanto e o fascínio devido ao teor das suas histórias.

De acordo com Corso e Corso (2006), é importante sabermos que a criança está sempre à procura de novidades e desafios e está sempre buscando novas formas de se encontrar neste mundo imaginário e fantástico que se dá pelos contos de fadas. É justamente a relação da criança com as histórias, que nos permite chegar à convicção que a ficção é preciosa e de suma importância para o desenvolvimento cognitivo que trabalham na mente da criança. Portanto, a melhor forma de promover o encontro da criança com os contos de fadas é contando as histórias para elas.

Nos contos de fadas tradicionais, podemos encontrar “os bons feitiços” vindos de seres mágicos e objetos encantados, por exemplo, a fada madrinha usa uma varinha mágica para fazer coisas aparecerem. Existem também os animais falantes como, por exemplo, no conto “O Gato de Botas”, que o principal personagem é um gato que pode falar, que conversa com os seres humanos com bastante naturalidade.

Geralmente, os animais falantes dos contos de fadas, trazem consigo uma ajuda sobrenatural, um pouco de sabedoria, o que ajuda os humanos a resolver os desafios existentes nos contos, nos quais seu objetivo é ensinar. Assim, a magia sempre esteve presente nos contos de fadas despertando a imaginação, a fantasia e a curiosidade da criança (CORSO e CORSO, 2006).

Segundo Aguiar (2001), os contos de fadas não modificaram sua estrutura básica, ou seja, o foco principal é o eterno conflito entre o bem e o mal. Os contos possuem uma estrutura simples que facilita a resolução das situações problemáticas e a compreensão da criança através da fantasia e do seu pensamento mágico.

2.2 Origem e desenvolvimento dos contos de fadas

Como já expressei, a literatura é uma das expressões mais significativas da arte. No que se refere aos contos de fadas, essa forma de narrar pertence ao caudal de narrativas que surgiu entre os povos da antiguidade que fundidas, confundidas, transformadas se espalharam por toda parte e permanecem até os dias atuais. Segundo Coelho (1987), o conto de fadas e o conto maravilhoso são denominações que vêm sendo utilizadas para rotular uma grande série de narrativas que constituem a chamada Literatura Infantil Clássica. No Brasil surgiu no fim do século XIX como contos da carochinha.

De acordo com Coelho (1987), os contos de fadas podem ter a presença de fadas ou não. Geralmente, os seus enredos se desenvolvem dentro da magia feérica, com reis, rainhas, príncipes e princesas, fadas, gênios, bruxas etc. As narrativas são desenvolvidas em torno de um problema existencial. Em sua maioria, expressam obstáculos que precisam ser vencidos, para que o seu herói alcance a sua alto-realização existencial, pelo encontro do seu verdadeiro eu, ou que pela princesa luta pelo ideal a ser alcançado.

As primeiras referências às fadas, como personagens ou figuras reais, aparecem na literatura cortesã-cavaleiresca que surgiu na Idade Média, na Bretanha e nas novelas de cavalaria nas quais as fadas teriam surgido como personagens pela primeira vez. Os estudiosos celtas definem as fadas como “mestras da magia” que simbolizam “poderes para normais do espírito ou potencialidades da imaginação”. Segundo essa tradição celta, os contos de fadas surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais e eternos. Os poemas são integrados ao ciclo novelesco, idealista nos quais havia uma preocupação com os valores da essência humana.

Segundo Coelho (1987), os celtas foram os povos da Antiguidade que mais tiveram influência sobre os demais povos, no que concerne à convivência humana, à espiritualidade, à religiosidade e à exaltação do imaginário. A passagem do real para o imaginário fez que a espiritualidade se tornasse uma da tendência para a fantasia e para o mistério da cultura dos célticos. Assim, foi na Idade Média que surgiu uma nova visão de mundo gerada pelo espiritualismo cristão chegando ao Renascimento onde a passagem da era clássica para a romântica, época em que grande parte da literatura maravilhosa destinada ao adulto pela tradição oral popular passou por uma transformação chegando à literatura destinadas as crianças.

Como postula Coelho (1987), os contos maravilhosos são narrativas nas quais não há a presença de fadas, mas se desenvolvem no cotidiano mágico com a presença de animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, com a presença de objetos mágicos, gênios duendes etc. As suas narrativas, geralmente, se desenvolvem em torno de uma problemática social, ligada à vida prática ou concreta. Tratam do desejo de autorrealização do herói ou anti-herói no âmbito socioeconômico, que visa à conquista de bens, riquezas, poder material etc.

É importante destacar que o Século IX, época em que surgiram os quatro poemas narrativos conhecidos como os *Mabinogion* que também pertenciam à fronteira entre o real e o imaginário, de onde surgiram os textos fontes do conto maravilhoso. Esta obra está entre os documentos mais antigos da poesia primitiva céltico-gaulesa, que originou a novelística bretã ou as novelas de cavalaria que os celtas nutriam de lendas, feiticeiros, fadas, seres sobrenaturais e florestas encantadas, transformando as histórias em lendas ou mitos.

O ponto de partida para a busca de aventuras dessas narrativas é a miséria ou a necessidade de sobrevivência física. Os contos maravilhosos são de origem oriental e trabalham com a parte material, sensorial e ética do ser humano, de modo que estão ligados às suas necessidades básicas, portanto, ligadas ao estômago, ao sexo e à vontade de poder, ou seja, as suas paixões do corpo.

No conto maravilhoso “As mil e uma noites” é explorada a parte sensorial, onde a paixão erótica substitui o amor espiritual e eterno. Trata-se de uma celebre compilação de contos maravilhosos, que circularam e ainda circulam no mundo ocidental. As suas narrativas visam revelar o mundo real e fascinante de outra civilização e cultura, diferentes da cultura cristã como era então consolidada na Era Cristã. Acredita-se que a sua forma original tenha surgido no final do século XV, mas que teve início no século XVIII, quando foi divulgada para o mundo europeu, depois que Antoine Galland traduziu a primeira seleção para o francês.

Como mostra Coelho (1987), o século XVIII foi o momento que as fadas entravam na moda, em meio a um clima de fantasia, diversão e encantamento. Tratava-se de narrativas audaciosas que falavam de um

mundo fabuloso e exótico. As fadas nasceram da criação poética céltico-bretã onde surgiram as primeiras mulheres sobrenaturais a darem origens às fadas. O mais provável é que elas tenham surgido na fronteira ambígua entre o real e o imaginário.

Etimologicamente, a palavra fada vem do latim *fatum* que quer dizer destino, fatalidade. As fadas fazem parte do folclore europeu ocidental. Posteriormente, migraram para as Américas, ficando conhecidas como seres fantásticos e imaginários, de grande beleza, que se apresentavam em forma de mulher, dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais. Esses seres poderosos surgem em diversas situações com a finalidade de auxiliar quando não há solução natural, ou seja, quando o homem não consegue resolver os seus próprios problemas.

A autora mostra que as fadas podem ainda apresentar um lado oposto da concepção que está comumente ligada ao seu imaginário. Elas podem encarnar o mal se apresentando como bruxas. De acordo com Coelho (1987), as fadas e as bruxas são formas simbólicas da eterna dualidade da mulher, porém mesmo com o passar do tempo e com a mudança de costumes, a fada ainda prevalece como sendo a atração mais poderosa sobre a imaginação tanto do adulto como da criança.

Segundo Coelho (1987), as fadas são consideradas como as criaturas que pertencem aos quatro elementos da natureza: o ar, o fogo, a terra e a água. As fadas do ar dividem-se em sílfides ou fadas das nuvens, que vivem nas nuvens e que evoluíram da terra, da água e da experiência do fogo, por isso são dotadas de inteligências. As fadas do vento e das tempestades são dotadas da poderosa magia, que giram por cima das florestas, ao redor dos altos picos das montanhas. As fadas da terra, por sua vez, dividem-se em espíritos da superfície e do subsolo: fadas dos jardins ou bosques (as de superfície) e gnomos ou fadas dos rochedos (as do subsolo ou reino mineral). No que diz respeito às fadas do fogo ou salamandras, estas habitam a região do subsolo vulcânico e estão relacionadas com o relâmpago e as fronteiras acima do solo. As fadas das águas habitam as profundezas das águas e sua principal tarefa é retirar energia do sol e transmiti-la para a água.

Com o passar do tempo, muitos contos, que a princípio eram envoltos de sentido da verdade humana, passaram por um envoltório colorido que os transformou nos contos maravilhosos infantis. Essa transformação se deu no século XVII, com Charles Perrault, na França. Época que todo o caudal de narrativas maravilhosas foi absorvido transformando-se, em narrativas populares folclóricas.

Charles Perrault sentindo-se atraído pelos relatos maravilhosos, os quais o povo guardava na memória, se dispôs a redescobri-los. Foi com esse trabalho de exegese que Perrault criou a primeira literatura infantil ocidental. A sua primeira obra foi “Histórias ou contos do tempo passado, narrativas cheias de moralidades”. Com a redescoberta da literatura popular francesa moderna, Perrault queria provar a identidade de valores da criação dos novos povos e dos povos mais antigos (COELHO, 1987).

A intenção de Perrault com uma literatura para crianças surgiu após a sua terceira adaptação da obra “A pele de Asno”, no qual seu enredo era um conflito feminino, que o pai tinha um desejo incestuoso por sua filha. Perrault (apud COELHO, 1987, p. 67-68) diz:

Houve pessoas capazes de perceber que essas bagatelas não são simples bagatelas, mas guarda uma moral útil, e que a forma de narração não foi escolhida senão para fazer entrar essa moral de maneira mais agradável no espírito, e de um instrutivo e divertido ao mesmo tempo. Isso me basta para não temer ser acusado de me divertir com coisas frívolas. Mas como a pessoas que não se deixam tocar senão pela

autoridade dos antigos, vou satisfazê-las abaixo. As fábulas milesianas, tão celebres entre os gregos e que fizeram as delícias de Atenas e Roma, não são de natureza diferente destas. A história de Matrona de Éfesio é da mesma natureza que a de Grisélidis: ambas são nouvelles, isto é, narrações de coisas que podem ter acontecido e não tem nada a ferir-lhes a verossimilhança. A fabula “Psychê”, escrita por Apuleio, é uma ficção pura, tal como o conte de vieille “A pele de asno”.

A partir daí, Perrault dedica-se à redescoberta da narrativa popular maravilhosa com o objetivo de provar a equivalência de valores ou de sabedoria e, dessa forma, divertir as crianças, orientando-as sobre a sua formação moral, em especial, as meninas. No entanto, é importante salientar que foi com a publicação dos oito contos de Mãe Gansa, que nasceu a literatura infantil que mundialmente se conhece como a clássica literatura infantil.

A seleção é composta por seis contos de fadas e dois contos maravilhosos os quais eram igualados como, histórias e contos do passado que ficaram mais conhecidos como Contos da Mãe Gansa. A Mãe Gansa era uma personagem de velhos contos populares, sua função era contar estórias para seus filhos, enquanto fiava ao longo dos serões ou durante os dias de inverno.

O livro da Mãe Gansa mostrava a imagem de uma velha fiandeira em sua capa e não de uma gansa, compreende-se que o nome tenha designado a uma velha contadora de estórias que ao se mudar para outros países foram ganhando nomes diferentes. A primeira coleção dos contos traduzidos de Perrault, os irmãos Grimm e Andersen, feitas no Brasil em 1915-1925, ainda conservava a capa da velha fiandeira contadora de estórias, o que fez torná-lo como um símbolo do maravilhoso para várias gerações de crianças no Brasil.

Nesse mesmo sentido, os irmãos Grimm ao estudarem os textos que lhes serviam para os estudos linguísticos, redescobriram um mundo maravilhoso da fantasia e dos mitos que sempre seduziram a imaginação humana. Eles selecionaram alguns textos e começaram a publicá-los como contos de fadas para atender o público infantil e o público adulto. Nesse sentido, vale mencionar que tanto os contos dos irmãos Grimm quanto os contos de Perrault predominam a leveza, o bom humor, a alegria que atenua os medos e dramas existentes nos contos.

Hans Christian Andersen foi o primeiro escritor a criar as histórias infantis e a pensar e se dedicar ao público infantil na Dinamarca. Entretanto, Andersen não escrevia as suas próprias histórias, porque ele sofria de um transtorno, ele tinha dislexia. Portanto, as suas histórias eram escritas por um copista.

O seu primeiro livro de literatura infantil foi publicado em 1835. Vale lembrar que o conto destinado ao público infantil ganhou força no século XIX. A primeira versão e mais antiga que se tem notícia sobre a literatura infantil, surgiu em 1830, escrita por Eleanor Mure. Seu primeiro conto foi Cachinhos Dourados, uma história que ele escreveu para seu sobrinho, uma criança de 6 anos de idade.

Hans Christian Andersen reinventou os contos de fadas para atender as novas gerações, nesta época a sociedade passou a valorizar a infância levando em conta a construção de vida de cada um, por procurar respeitar os seus pensamentos, suas convicções e suas particularidades. A literatura sofreu transformações como um todo, as histórias convidam o leitor e também os ouvintes a experimentar a sensação de um final feliz dos personagens deixaram de ser um estereótipo (CORSO e CORSO, 2006).

Outros destaques do surgimento dos contos de fadas são autores Lewis Carrol, em 1865, com o conto Alice no País das Maravilhas; Frances Burnet, em 1886, com a obra O Pequeno Lorde; Beatrix Potter, em 1902 com As Aventuras de Peter Rabbit, e J.M. Barrie em 1911 com Peter Pan. Estes autores viram a necessidade de misturar em seus contos a magia com o mundo familiar no seu cotidiano constituindo a sua realidade de vida. Algumas histórias e personagens sobrevivem os tempos dando lugar ao conto popular.

Segundo Meregé (2010), o termo conto de fadas pode ser abordado por diferentes perspectivas: a histórica, a antropológica, a psicológica e literária. Os historiadores e os antropólogos situam o conto de fadas no seu contexto social e cultural e procuram analisar cada versão em relação à sociedade e a época que foi produzida. Contudo é muito difícil ter uma definição sobre as narrativas, porque não sabemos ao certo como se deu a transmissão ao longo do tempo.

Para Marcelo (2012), os contos de fadas surgiram com os homens primitivos, como os pastores, lenhadores e caçadores que viviam muito tempo sozinho na floresta, campos e nas montanhas. Ao retornarem para suas aldeias, faziam relatos do que lhes acontecera para quem quisessem ouvir. Assim, começaram a surgir as lendas que mais tarde transformaram-se em contos.

De acordo com Meregé (2010), a maior parte dos estudiosos concorda que os contos de fadas são de origem muito antiga. As suas histórias eram contadas pelos xamãs e pelos anciãos das tribos ao redor do fogo. Vale destacar que a arte da narrativa não era privilégio dos europeus, mas que todas as culturas têm as suas histórias tradicionais, sua mitologia.

Os contos de fadas são narrativas destinadas ao público infantil que surgiram na Idade Média Moderna. Inicialmente, eram histórias registradas apenas na memória dos indivíduos que as transmitiam pela tradição oral, ao longo das gerações. A princípio, os contos eram destinados apenas aos adultos, entretanto, eram contados para as crianças que, como mencionado anteriormente, não tinham a sua infância reconhecida, de modo que os mesmos contos destinados aos adultos serviam para as crianças, era comum haver histórias com enredos carregados de cenas hediondas, canibalismo, adultério e incesto.

Por outro lado, os contos de fadas serviam para dar lições morais, traduzir os anseios, medos, revoltas, crenças populares dos indivíduos e os desejos de justiça do povo. Segundo Richter e Merkel (1993), é através dos contos de fadas que a classe oprimida manifesta seu desejo de se libertar da sua condição de inferioridade. Alguns autores acreditam que os contos apresentam às crianças um esboço compreensível do que é a sociedade e suas relações intersociais.

É importante destacar que o francês Charles Perrault, foi o primeiro escritor que se preocupou em escrever textos adequados para atender especificamente ao público infantil, retirando as cenas de violência das histórias, por transformá-las em narrativas mais suaves, para conquistar o gosto da sociedade pela literatura. Além de Perrault é preciso mencionar também os Irmãos Grimm e o dinamarquês Hans Christian Andersen que deram segmento à proposta de Perrault que sempre tinha o objetivo que no desfecho, os leitores compreendessem qual é a “moral da história”.

Ainda sobre Perrault, é preciso mencionar também que o autor resolveu registrar as histórias orais que ouvia da sua mãe. Assim, ele escreveu o seu primeiro livro que ficou conhecido como “Contos da mamãe gansa”.

A partir do século XVII, com Charles Perrault e os irmãos Grimm surgiram as primeiras coletâneas, que falavam de princesas, bruxas e fadas. A primeira obra foi publicada em 11 de janeiro de 1697 com o nome de “Histórias ou contos do tempo passado com moralidades” e era conhecido como “Contos da Velha” e “Contos da Cegonha”.

Jacob e Wilhelm Grimm, mais conhecidos como irmãos Grimm, nasceram em Hanau, na Alemanha nos anos 1785 e 1786. Eles lançaram um livro chamado “Histórias das Crianças e do Lar” ou “Contos da Criança e do Lar”. A obra dos irmãos Grimm era composta por 51 contos infantis, que logo se espalharam pelo mundo. (FRANZIN, 2012)

De acordo com Franzin (2012), os irmãos Grimm começaram a escrever seus livros com base nas histórias que ouviam de outras pessoas. Uma de suas obras “O anão que transforma palha em ouro” foi escrita com a colaboração de Dortchen Wild, que forneceu mais doze histórias para a construção dos livros. Os irmãos Grimm também contaram com a colaboração de duas amigas da família para criar a história da Branca de Neve e os Sete Anões, assim como de Dorotea Viehmann, uma senhora idosa que vivia no povoado dos irmãos, que contou mais de cem contos. Eles conseguiram escrever mais de duzentos contos, seiscentas cantigas, dez lendas entre outras obras.

A iniciativa dos irmãos Grimm de escrever histórias para crianças serviu de incentivo para que outros escritores fizessem o mesmo, ou seja, que registrassem as histórias que ouviam dos mais velhos dos seus respectivos povos. Vale destacar que os irmãos Grimm ouviam histórias que não eram próprias para o público infantil – lembrando que naquela época não havia distinção entre criança e adulto – no entanto, eles procuravam adaptá-las para que pudessem ser contadas para as crianças trazendo mensagens positivas, lições de morais, ou uma filosofia de esperança e fé na vida.

As histórias adaptadas e narradas pelos irmãos Grimm permitem que a criança faça uma viagem pelo mundo imaginário e a fantasia, através dos elementos mágicos que fazem as histórias mais emocionantes.

A seguir, são mencionadas algumas das obras deixadas pelos irmãos Grimm, que haviam começado em 1812 na Alemanha com a publicação da coletânea “Contos de Grimm”: A Protegida de Maria; As Aventuras do Irmão Folgazão; Branca de Neve; Cinderela; O Alfaiate Valente; O Flautista de Hamelin; O Ganso de Ouro; O Lobo e as Sete Cabras; O Príncipe Sapo; Os Músicos de Bremen; Os Sete Corvos; Os Três Fios de Ouro de Cabelo do Diabo; Rapunzel; Chapeuzinho Vermelho; A Bela Adormecida; Hansel e Gretel (João e Maria); Rumpelstiltskin; O príncipe e os anões; Histórias de anões; A guardadora de gansos; Os doze caçadores do rei; Os seis criados do príncipe; A casa da floresta. (FRANZIN, 2012) É importante destacar que essas obras dos irmãos Grimm são mundialmente conhecidas.

Como apontam Corso e Corso (2006), um dos contos de fadas mais modernos e de maior sucesso do século XX, foi “O Mágico de Oz” escrito no ano de 1900, pelo autor moderno, Lyman Frank Baum. Lyman nasceu em 1856 e faleceu em 1919 aos 53 anos de idade. Ele cresceu cercado de cuidado por uma família rica. Porém, a riqueza daquela família durou pouco. Ao se tornar um adulto, Lyman tentou montar seu próprio

negócio, mas não deu certo, entre suas tentativas de estabelecer algum negócio sem sucesso, ele descobriu qual seria a sua vocação profissional: autor de literatura infantil.

A primeira história literária infantil escrita por Lyman começa com uma narrativa envolvendo uma criança norte-americana órfã, Dorothy Gale que vivia em uma fazenda do Kansas, com os seus tios Henry e Emma. Naquele lugar não havia vegetação, nem cores, a paisagem era cinzenta e sempre ameaçada pelos tornados. Um desses tornados acaba levando Dorothy para o Mundo Mágico de Oz, um lugar ao contrário do que ela vivia. Era um lugar fascinante, cheio de emoções e beleza, mas também cheio de muitos perigos. Na busca do caminho de volta para casa Dorothy precisa encontrar o Mágico de Oz, ele é o único que tem poder para levá-la de volta ao seu mundo. Para isso, ela conta com a ajuda de um grupo bizarro composto por seres mágicos e encantados, objetos mágicos, bruxas, animais falantes, árvores animadas e conta com um final feliz. A primeira versão do conto “O Mágico de Oz” era uma história escrita em livro e, assim, permaneceu por 40 anos, até chegar ao cinema em forma de filme, que atualmente é considerada a forma mais popular deste conto.

Baum desde pequeno tinha uma saúde muito frágil e assim continuou por toda sua vida. A saúde frágil de Baum levou-o a uma infância mais reservada. Com isso, ele se dedicou aos livros e os contos de fadas usando a sua própria imaginação. Para ele, as histórias infantis deviam ter um contexto de sonhos específico para esse público, diferentemente das histórias aterrorizantes e assustadoras, cheias de pesadelos como eram os contos tradicionais.

Antes da construção do seu primeiro livro, Baum havia escrito uma peça teatral que fez muito sucesso. Entretanto, foi como contador de histórias que ele foi consagrado pelos seus filhos e pelas outras crianças que ficavam fascinados com a forma como Baum contava histórias, quer fossem contadas na rua, nas lojas ou quando estavam sentados nas calçadas. Em 1899, Baum publicou um livro de contos infantis chamados *Father Goose*, que foi o livro mais vendido na época.

A primeira versão cinematográfica do “Mágico de Oz”, foi desenvolvida com os poucos recursos que o autor próprio dispunha. Em 1939 o filme ganhou uma grande transformação. Tratava-se de uma produção feita por *Metro Goldwyn Mayer* em um musical estrelado por Judy Garland protagonista que interpretou o papel da menina Dorothy, dirigido por Victor Fleming. Após aparecer no cinema, o filme ganhou generosamente 150 ilustrações.

O grande sucesso do filme se dá pela combinação das velhas e boas personagens do conto de fadas e de seus elementos, atendendo ao gosto infantil do século XX. É considerado como uma nova forma de transmissão, posicionado de forma privilegiada que cumpre o papel de preservar a trama, assim como faziam os narradores orais com os contos tradicionais. O filme “O Mágico de Oz”, baseado no conto de fadas de Baum, continua sendo assistido incansável vezes pelas crianças, o que indica que a produção do filme tomou totalmente o gosto infantil pela trama do filme.

Em 1999 foi publicado no Brasil o livro de Harry Potter e a pedra filosofal. Mas, o lançamento desse e dos outros volumes foram alvo de muitas controvérsias e críticas, por conter um grande número de páginas provocando histerias nos leitores do Oriente ao Ocidente. Entre as críticas e os comentários que vinham de todos os lados, a que mais surpreendeu foi a revelação dos leitores vorazes da virada do século XXI. No entanto, o problema dos livros era a falta de ficção que despertasse a imaginação de seus leitores. Com

adaptações, em 2001, os livros de Harry Potter ganharam o gosto do público nos cinemas que passaram a ser exibido na forma de filmes (CORSO e CORSO, 2006).

Joanne K. Rowling, a escritora de Harry Potter, é uma idealista que procura proporcionar a magia e a aventura em suas histórias, para amenizar a triste e dura realidade da vida. Na trama, Potter luta pela sua própria sobrevivência e contra a forma de racismo que discrimina alguns bruxos, pelo simples fato deles não serem bruxos de puro-sangue. As narrativas dos livros de Potter trazem muitas divisões entre o bem e o mal, e os heróis não são bonzinhos como nos contos de fadas, aqui eles expressam as suas opiniões sobre as leis da escola e do mundo e decidem entre obedecer ou não obedecer (CORSO e CORSO, 2006).

A seguir, passamos a apresentar os principais desdobramentos e contribuições dos contos de fadas para o desenvolvimento das crianças.

2.3 Contribuições para o desenvolvimento infantil

De acordo com Sosa (1982), a imaginação é a forma mais elevada do desenvolvimento intelectual. Nessa perspectiva, a fantasia presentes nos contos de fadas é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, que desenvolve seus sentimentos e emoções e os ensinam a lidar com suas sensações. No Século XVII, Jean de La Fontaine, já dizia que “se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas de onde não falem animais ou deuses de muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se desperta a consciência”.

Sosa (1982) assevera que os contos de fadas desenvolvem dentro da criança e do adulto diversos sentimentos como o ódio, a inveja, o ciúme, a ambição a rejeição e a frustração. Desse modo, ao envolver uma criança em seu enredo, isso faz que ela se identifique com as dificuldades e alegrias de seus heróis e sinta-se como o próprio personagem da história que trata das experiências vividas em seu dia-a-dia. Portanto, os personagens existentes nas histórias contadas para a criança podem ajudá-las a resolver seus conflitos de maneira otimista e confiante.

Bettelheim (1980, p. 19) afirma que

só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a ao abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente.

A leitura dos contos de fadas proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Despertar o interesse e o hábito pela leitura é um processo que deve começar em casa mesmo antes de a criança aprender a ler. Existem várias maneiras de incentivar o gosto da criança pela leitura como: contar histórias que despertem a sua curiosidade desde cedo, permitir que a criança tenha contato com os livros e que possa manuseá-los, incentivá-las a recontar a história ouvida. Desse modo, a criança será estimulada e terá um desenvolvimento cognitivo transformando-se em um grande leitor.

Segundo Bamberger (2000, 71),

a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, neste sentido, a criança interessada em aprender se transforma num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada a motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos. Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler. No início da vida escolar, já na Educação Infantil, é necessário o trabalho com textos que circulam socialmente, dando maior importância a Literatura Infantil. O contato da criança com materiais de leitura deve ser constante para que desperte o gosto por esse ato, tornando-se um hábito e não um momento esporádico.

É importante destacar que, inclusive atualmente, os contos de fadas ainda são motivos de preocupação, visto que muitos pais e estudiosos se preocupam com o impacto que essas histórias podem causar nas crianças e que influências podem ter na sua vida. Em razão disso, foram abolidas completamente as cenas violentas e pouco lúdicas de vários contos de fadas. Assim, os principais contos de fadas que as crianças têm acesso, as permitem sonhar, imaginar e se divertir.

De acordo com Bettelheim (1980, p.13),

para prender a atenção da criança a história, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. E para enriquecer sua vida, as histórias devem estimular-lhe a sua imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades; e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Procurando promover a criança confiança nela mesma e no seu futuro.

Bettelheim foi um dos maiores defensores da literatura infantil, dos contos de fadas. O referido autor acredita que os contos são benéficos para a criança, porque elas se identificam com os heróis das histórias que são responsáveis por resolver as inúmeras situações de risco que irão encontrar até a solução da felicidade.

Nesse sentido, o autor mostra que os contos de fada permitem viajar para outro mundo, um mundo não menos real que o nosso, que permite desenvolver a fantasia e a imaginação, assim como estimula a mente. Além de possibilitar o encontro com sonhos e anseios, por meio da identificação com os personagens. Desse modo, proporciona a busca por soluções de problemas que habitam na mente da criança.

Bettelheim (1980, p. 74) afirma que

só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a história fornecem-lhe o significado mais pessoal e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem.

As crianças encontram soluções para seus conflitos, no desfecho da narrativa que são contadas a elas, por isso é necessário que os contos tenham valor e significado, permitindo a criança a reconhecer suas dificuldades e sugerir soluções para os seus problemas internos. Uma história quando contada, com emoção e convicção, tem o poder de encantar aqueles que a estão ouvindo.

Para atingir integralmente suas propensões consoladoras, seus significados simbólicos e, acima de tudo seus significados interpessoais, o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido. Se ele é lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na história e na criança, com empatia pelo que a história pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade (BETTELHEIM, 1980, p. 27).

Alguns pais pensam que pelo fato de uma criança não saber ler, ela não tem interesse pelos livros, no entanto, na verdade, as crianças podem apresentar interesse pelos livros mesmo que ainda não saibam ler, o que é preciso é que sejam estimuladas a conhecer o livro e ouvir as histórias.

Dessa forma, quando pequenas e ainda não sabem ler, devem ser estimuladas por meio do pegar, manusear, folhear o livro. Os pais podem fazer que elas tenham acesso aos contos de fadas, ou seja, livros que contenham muitas imagens coloridas, pois as imagens também atraem a atenção da criança incentivando o gosto pelo livro e, conseqüentemente, o gosto pela leitura.

A criança que tem contato com o livro aprende a construir o seu próprio mundo de sonhos e fantasias que é apresentada por meio de palavras e desenhos e contribui para a construção da sua imaginação, conhecendo a si mesma e interagindo com ambiente em que está inserida.

Daí a importância das crianças tocarem e folhearem os livros desde pequenas. Portanto, ouvir e contar histórias desde cedo facilita o desenvolvimento cognitivo da criança, da leitura e da escrita, da imaginação, da observação, possibilita as experiências e a ligação entre o mundo real e a fantasia.

Vale salientar que contar histórias para crianças maiores, é algo tão importante quanto contar histórias para crianças menores, pois ao ouvir a história, inclusive as crianças maiores aprimoram a sua capacidade de imaginação, estimulam o seu pensamento e ampliam a capacidade de criar e recriar de acordo com a etapa de desenvolvimento na qual estão inseridos.

Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas ainda encantam e sobrevivem a era das gerações de computadores, videogames e jogos. Isso se dá, porque consiste o seu poder em ajudar as crianças a resolverem os seus conflitos pessoais e psíquicos que ainda estão presentes no inconsciente das crianças da contemporaneidade. Corso e Corso(2006) afirmam que

a capacidade de sobrevivência dos melhores contos de fadas, que continuam encantando crianças das gerações dos computadores, videogames e jogos de RPG, consiste em seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje (p. 14).

De acordo com os autores, é possível que a forma mais antiga de transmitir oralmente a história, continue exercendo seu poder imaginário, ao contar histórias para os pequenos ouvintes e que até hoje são capazes de conectar as crianças ao mundo imaginário por meio dos sentidos, culturas e épocas. Eles reconhecem que o poder de comunicação no mundo globalizado e informatizado acelera a transmissão das histórias.

No entanto, Corso e Corso (2006), afirmam que para a criança não faz diferença se a história é antiga ou atual, a criança ainda não consegue separar o mundo imaginário do mundo real, e não faz diferença entre o verdadeiro e a fantasia.

Isso está em consonância ao que afirmam Farias e Rubio (2012) que ressaltam que no momento em que a criança entra no mundo da fantasia e da imaginação de um conto de fadas, ela consegue elaborar hipóteses para a resolução de seus problemas, além de contribuir para a sua experiência cotidiana, de modo que ela passa a buscar alternativas para transformar a realidade.

Assim, seus desejos passam a ser facilmente realizados, por meio do faz de conta, uma vez que, ao recriar determinadas situações, isso contribuirá com a satisfação de alguma necessidade presente em seu interior.

Sendo assim, os contos de fadas atuam no emocional e no imaginário da criança, contribuindo com a tomada de decisões, o que repercute positivamente tanto na sua independência como no acomodamento dos seus sentimentos.

2.4 Os temas infantis nos contos de fadas

Os temas tratados nos contos de fadas abordam questões como o abandono o esquecimento, a perda, a morte, o amor de alguém que um dia foi importante ou marcante na vida de uma criança, assim como questões pertinentes à sexualidade e ao crescimento, bem como as constantes buscas pelas soluções de seus conflitos.

Segundo Abramovich (1991), história da Bela Adormecida, na versão de Charles Perraut, trabalha temas como as emoções, a sexualidade, questões sociais. No entanto, há conteúdos que abordam dos apetites e dos impedimentos vitais que foram retirados dos contos, para não serem expostos à criança. No entanto, mais tarde, o retardamento desses conteúdos será questionado pelas crianças, as quais irão cobrar explicações sobre o assunto escondido, a fim de saciar sua curiosidade (DE PAULA e COSTA, 2016).

Abramovich (2009) também salienta o que foi colocado anteriormente, ao afirmar que os contos de fadas falam de perdas e buscas, abandono, esquecimento. Segundo a autora, o conto de Andersen “O pinheirinho” fala de uma triste e poética história de abandono e esquecimento. O pinheirinho trata-se de uma bela árvore, que na noite de natal, teve uma noite bela e apaixonante, no aconchego de emocionantes histórias. A triste trajetória de vida do pinheirinho começa, após a noite de natal, quando a bela árvore é levada para fora de casa. A pequena árvore será cortada e queimada. Assim, foi esquecida a sua beleza que encanta as lindas noites de natal.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1988), é fundamental que tanto os pais como os professores se sintam seguros e confortáveis para contar história para crianças. Segundo os estudiosos que se dedicaram a esse assunto, as crianças gostam de ouvir até mesmo os assuntos de violência que algumas histórias trazem em seu texto, tanto as crianças como os adultos, sentem prazer em experimentar a sensação causada pela aventura, pelo medo, pelo amor ou pelas crueldades das histórias.

De Paula e Costa (2016) mostram que, geralmente, os contos de fadas falam de amores, mas que, além disso, estes podem apresentar também outras situações que representam a realidade, de modo que não se concentram apenas em temas românticos ou fantasiosos. Assim, as autoras salientam que não é somente o que está escrito no conto que deve ser considerado, mas o que está nas entrelinhas, para que traga influências positivas para o leitor/ouvinte. Assim, quando se trata de crianças, o contador tem um papel fundamental no repasse da história para os ouvintes.

Desse modo, o leitor se identifica com situações que acontecem em sua realidade a partir do que lê nos contos, isso porque muitos dos temas abordados nas histórias se parecem com os problemas reais vividos pela criança e pelo o adulto. Ao ouvir os contos os leitores trazem o mundo imaginário para o mundo real,

fazendo uma relação dos conflitos dos personagens com seus próprios conflitos reais, possibilitando a resolução dos seus problemas.

Dentre esses conflitos, pode-se mencionar algumas situações como o fato de precisar lidar com a morte, o abandono, a rejeição, o medo e a violência. Esses são apenas alguns dos assuntos que são difíceis de serem explicados para a criança. No entanto, o conto de fadas por ajudar a criança, por meio do seu imaginário, a entender de forma direta ou indireta como pode solucionar ou atenuar, ou aprender a lidar com os problemas que não compreender.

Segundo Abramovich (2009), no que diz respeito ao tema morte, este é algo pouco explorado, pois as pessoas evitam falar sobre a morte para as crianças. Embora isso seja, na verdade, um equívoco, pois a morte faz parte da vida humana. A autora mostra que o aquilo que os pais tentam esconder de seus filhos, a mídia expõe a todo momento, por meio de noticiários, novelas, filmes, desenhos, celulares e videogames etc.

O assunto sobre a morte, como as guerras, bombardeios, epidemias que podem levar a pessoa à morte, acidentes, atentados terroristas, tiroteios entre policiais e bandidos, falecimentos de celebridades, vizinhos ou familiares mais distantes, estão sendo revelado a todo instante, sendo impossível impedir que a criança tome conhecimento, lembrando que qualquer pessoa de diferentes idades e motivos podem falecer, seja por doenças ou acidentes. Enfim, de uma forma ou de outra as crianças são informadas pelos noticiários, pelos comentários, pela indignação e lamentações sobre a morte.

Na verdade, vida real, para a maioria das pessoas a morte é tratada como uma perda, pois há certa dificuldade de aceitação por perder um ente querido. Em muitas histórias infantis a morte é vista como um problema, que causa dificuldade na vida do personagem que perde um ser amado. Em alguns contos de fadas como a “Cinderela” e a “Branca de Neve”, ambas perdem o pai para a morte, daí elas sofrem a violência dos maus tratos das suas madrastas. Apesar disso, as personagens dessas histórias conseguem resolver seus conflitos, e chegam a um final feliz. Este desfecho agradável dá à criança um motivo para lutar e superar os seus conflitos reais, para que assim que assim também possa alcançar um final feliz.

Existem também outros contos que interpretam a morte como uma metáfora, como por exemplo, a Branca de Neve, que ao comer a maçã envenenada todos pensam que ela está morta, porém chegam à conclusão que ela se encontra apenas em um sono profundo, mas que ao ser beijada pelo príncipe ela volta a viver. Portanto, os personagens dos contos de fadas também podem sofrer com a morte de alguém amado, assim como sofrer como outros problemas semelhantes àqueles vividos diariamente na vida real.

Porém, é importante ressaltar que há algumas diferenças, como, por exemplo, o fato de nos contos de fada, a morte não ter o mesmo significado que tem na vida real, ou seja, ela não representa uma passagem de uma vida para outra. Outra problemática abordada pelos contos de fadas é a questão do abandono. Em especial, a história de João Maria, procura tratar desse tema, pois apresenta em seu enredo o conflito das crianças abandonadas pelos pais numa floresta. Sendo que a problemática do abandono é muito comum na vida real de muitas crianças.

Corso e Corso (2006) apontam que o medo é um tema recorrente nessas histórias infantis, pois incluem elementos assustadores que ensinam a criança que é preciso conhecer e saber enfrentar os seus próprios medos. Com isso, tais contos possibilitam que se desenvolva a curiosidade e a coragem da criança em função da

defesa de sua sobrevivência. O medo pode ser provocado pelos elementos assustadores e pelas zonas sombrias do desconhecido, assim como pode ser considerado como um sentimento que acaba nos protegendo da morte.

É importante destacar também que a maldade de muitos personagens, exposta nos contos como, como da madrasta da Branca de Neve, da bruxa que insiste em tentar comer crianças, há história de João e Maria, são mais populares que a bondade de outros personagens, como os bondosos anões da Branca de Neve.

Abramovich (2009) ressalta que o motivo pelo qual não deve retirar a maldade e as cenas de medo dos contos de fadas, é porque estas cenas ensinam a criança a lidar com o medo, pois essas situações estão presentes no cotidiano em nossas vidas, sejam reais ou imaginárias.

Vale mencionar que muitos têm medos reais, como o medo da rejeição, da injeção, de animais ferozes, de escuro, de ladrão, de dentista, de ser reprovado na escola, de perder alguém, entre outros. Assim como outros têm medo do imaginário, como do lobisomem, de fantasma, das bruxas, do desejo, da culpa etc. São medos com os quais convivemos de uma forma ou de outra e com os quais aprendemos enfrentar, superar, conviver ou lidar, com as situações conflituosas em nosso cotidiano.

Alguns desses contos também abordam a questão da autodescoberta, pois é da descoberta da própria identidade que se desenvolve o crescimento da criança. Nessa perspectiva, a história de Andersen “O patinho feio”, é contada e recontada por muitos autores, como Ziraldo em “Flicts”, por André Carvalho em “Dourado”, entre outros. A história relata a vida de um patinho, que desde que nasceu sofria maus tratos, visto que era ridicularizado, ao ser rejeitado tanto pela sua mãe e como pelos seus irmãos, o que o leva a fugir de casa. Por onde passava, o patinho continuava sendo martirizado e desprezado por todos que encontrava em seu caminho. O motivo de sofrer tamanha rejeição e a viver fugindo daqueles que o rejeita, é o simples fato de ele ser diferente e, portanto, considerado como feio, pois é assim que é visto ao longo da história. Sua triste jornada de rejeição só termina quando ele encontra o seu lugar, onde existem belos cisnes que o reconhecem como um dos seus, elegendo-o o mais belo de todos.

De acordo com Abramovich (2009), nessa história é possível refletir a respeito da triste e difícil caminhada de quem se sente feio ou diferente, ao ser rejeitado e menosprezado pelos outros. Isso acontece porque essas pessoas se abatem frente aos julgamentos alheios e acabam não reconhecendo os seus valores e virtudes. O patinho feio só consegue encontrar a si mesmo e se reconhecer, depois que consegue descobrir sua própria identidade, o que o leva à capacidade de enfrentar o sentimento de rejeição. Quando descobrimos a nossa própria identidade, o nosso potencial, com quem contamos e o quanto somos desejados, aprendemos a lutar contra o adversário de forma justa, encontrando os nossos valores, o respeito e a ter noção de justiça.

Segundo Oliveira (2010), o amor é um dos temas dos contos de fadas muito importante para a criança que está em processo de desenvolvimento com os seus sentimentos em relação a si e ao outro. O amor é um sentimento que deve fazer parte da vida de todos os seres humanos. Portanto, é necessário que as crianças aprendam a dar e receber esse tipo de sentimento.

De um modo geral, foi possível perceber que os temas abordados nos contos de fadas não tratam apenas de amor e encantamentos, mas também de várias situações reais que vivemos e enfrentamos em nosso dia a dia. Por isso, é muito importante trabalhar temas que mostram essa realidade para que as crianças tenham conhecimento e saibam lidar na prática com as situações conflituosas que precisarão enfrentar.

3 OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

De acordo com Bettelheim (1980), para ter domínio dos problemas psicológicos do crescimento - superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis, assim como obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, bem como adquirir um sentido de obrigação moral, a criança precisa entender o que está se passando dentro de seu “eu” inconsciente.

Para atingir essa compreensão e, com isso, a habilidade de lidar com as coisas não através da compreensão racional da natureza e do conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele por meio de devaneios prolongados ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados de uma estória em resposta a pressões inconscientes. Com isso, a criança consegue adequar o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo.

3.1 Os contos de fadas na construção de valores e formação da criança

Segundo Oliveira (2010), o conto de fadas é uma literatura que estimula a consciência crítica do leitor, por isso os auxilia em seu processo de construção de identidade e contribui no desenvolvimento de suas habilidades sociais, culturais, educativas e psicológicas.

O aspecto psicológico é considerado um fator essencial para o desenvolvimento das habilidades do leitor, daí a importância de considerar este aspecto como fator fundamental para a construção do conhecimento da criança, tanto na escola quanto nas relações sociais a qual elas estão inseridas.

Como mostra Bettelheim (1980), será possível que a criança domine os seus problemas psicológicos, supere as suas decepções, dilemas, rivalidades fraternas, abandone as suas dependências infantis, e obtenha sentimento de individualidade, e de autovalorização, isso será possível quando a criança entender a si mesma, ou seja, quando ela entender o que se passa dentro do seu inconsciente.

A compreensão de si mesma, permite que a criança desenvolva a habilidade de lidar com as coisas, através dos devaneios prolongados, ou seja, o que deixar se levar pela imaginação, pelas lembranças ou pelos sonhos, o que resulta da fantasia, e faz que ela fique pensando durante muito tempo, geralmente são coisas que a pessoa não gosta ou que a aflige. No entanto, posteriormente, ela fará uma reorganização, criando melhorias, alterações e inovações, fantasiando os elementos adequados da história respondendo às pressões do seu inconsciente. Com isso, a criança terá condições de adequar o conteúdo inconsciente com as fantasias conscientes.

Portanto, é importante destacar que a aprendizagem de um bom leitor inicia-se do ato de saber ouvir histórias. Os contos de fadas estimulam o imaginário da criança, despertando a sua curiosidade, levando-a a um caminho de infinitas descobertas e compreensão do mundo.

Essa compreensão abre possibilidades de descobrir o mundo, cheio de conflitos, de impasses, assim como encontrar soluções, de modo que os problemas vão sendo encarados e resolvidos pelos personagens

existentes em cada história. Isso se dá porque os livros, em especial os contos de fadas, podem ser surpreendentes, por formar e informar os seus leitores, além de transportá-los para outros mundos possíveis e, dessa forma, transformando cada um dos seus leitores em aprendizes e mestres.

Os contos de fadas abordam assuntos de difícil compreensão, como algumas tramas que não se manifestam claramente, ficando encoberto ou implícito às histórias infantis contemporâneas, isso mostra que as crianças não fogem dos assuntos complicados. O motivo pelo qual as narrativas sobrevivem até hoje, são as riquezas da fantasia, da imaginação e até mesmo das dificuldades e medos que os personagens enfrentam.

A leitura dos contos de fadas na formação das crianças é uma forma de dotá-las da habilidade da leitura, uma das mais incríveis da humanidade, pois pode conduzir o indivíduo ao conhecimento, quer seja ler por prazer, para estudar ou se informar. As leituras, começando pelos contos de fadas, são formas de proporcionar o conhecimento da cultura, das ideias, da fantasia, da realidade, da vivência, dos sonhos e, sobretudo, de reconhecer a si próprio. Dessa forma, a leitura é a arma mais poderosa para o aprendizado do ser humano. É importante destacar que ler é decifrar, interpretar, decodificar, compreender, imaginar, fantasiar, enfim, entrar no universo encantado dos livros.

De acordo com Guimarães, D'Avila e Silva (2016), quando as crianças leem ou ouvem histórias, elas se envolvem com a história como se fossem o próprio personagem. Por meio desse envolvimento, elas estão à procura de solução para os seus próprios anseios e problemas. As crianças sentem que são parte da história, pois associam os conflitos da história à sua realidade. Em muitos casos, a criança pode estar passando por algum desses conflitos, mas não sabe como enfrentá-los. No entanto, por meio dos contos de fadas, de forma indireta, a criança aprende a aceitar o medo, a perda, a conhecer o amor, assim como o valor de uma amizade.

Como mostra Sales (2012), os contos de fadas compõem um gênero literário, que permite a criança, criar, recriar, inventar e emocionar-se. Portanto, surge daí a importância de oferecer livros agradáveis desse gênero para que as crianças possam apreciá-los.

Segundo o autor, uma das virtudes dos contos de fadas folclóricos é unir, “assunto de criança” e “assunto de adulto”, pois é da união desses assuntos que se transforma o ser humano. A união das várias formas de literatura possibilita que tanto o adulto como a criança tenham a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer a experiência da sua própria vida.

Assim, especialmente, por meio dos contos de fadas, que compõem um instrumento de sensibilização da consciência, é possível transmitir valores e ideias, e que possibilita que a criança se construa no mundo literário, o que lhe possibilita a capacidade de pensar, refletir e raciocinar, permitindo que ao se tornar um leitor adulto tenha uma visão ampla e saiba analisar o mundo. Como já ressaltado, é através da literatura que aprendemos e entendemos muitas situações de nossa vida que não conhecemos e não sabemos resolvê-las.

Por meio dos contos de fadas, a literatura infantil tem o poder de resgatar sonhos e fantasias presentes no inconsciente da criança que, muitas vezes, ela ainda não se deu conta, entretanto, logo que a criança começar a explorar o mundo à sua volta vai encontrar alguns problemas que dificultam a formação de sua própria identidade, mas que podem ser melhor superados por meio da imaginação propiciada pela literatura

infantil. Dessa forma, os contos de fadas são fundamentais para a formação da criança tanto em relação a si mesma como em relação ao mundo em que vive.

É comum encontrar pessoas que acreditam que os contos de fadas não correspondem à realidade e, portanto, os consideram como dispensáveis, pois estão ligados a falsas noções, por isso, evitam transmiti-los às crianças.

No entanto, Coelho (2000), por sua vez, indica a importância da leitura desse gênero literário para as crianças. Segundo a autora, “o maniqueísmo que divide as personagens em boas ou más, belas ou feias, poderosas ou fracas, facilita à criança a compreensão de valores básicos da conduta humana ou convívio social”.

Complementando, Abramovich (1997) mostra que a divisão dos elementos transmitida pela linguagem simbólica não prejudica a formação da consciência ética da criança, pois é nos contos de fadas que a criança encontra seus valores permanentes. Os contos de fadas surgiram no processo histórico com o objetivo de ensinar e, desse modo, vinculam-se como base da educação. A autora acredita que para contar histórias é necessário que haja um clima de encantamento que envolva a criança no mundo da magia e da sedução.

Segundo Abramovich (1997), atualmente, é necessário que os contadores de histórias fiquem atentos aos procedimentos apropriados de leitura, como a importância de fazer as pausas, assim como os intervalos corretos da leitura e, principalmente, o respeito à imaginação da criança que se encontra em estado de ensino-aprendizagem.

Contar histórias é uma arte que precisa ser aprendida, por isso deve ser levada a sério com muita atenção e dedicação. Conforme aponta Abramovich (1997), é o cuidado e a dedicação que o narrador tem para narrar as histórias que permite a criança criar, inventar, transformar o cenário da sua imaginação, permitindo que a criança visualize o que está sendo narrado.

Algumas crianças ao ouvir as histórias se sentem nas mesmas situações que os personagens, ou seja, a criança tem a oportunidade de experimentar os mesmos sentimentos e conflitos que os personagens vivem na história. E é neste clima de imaginação e fantasia que a criança, produz o seu próprio cenário especial, carregado de encantamento e magia.

Para Abramovich (1997), ler contos de fadas para a criança é um meio de desenvolver um potencial crítico, que permite a criança pensar, duvidar, questionar, perguntar, pois estimula nelas a curiosidade e o interesse para que possa saber mais e, procurar dar a sua própria opinião.

Uma forma de tornar o saber da criança significativo, é saber se ela gostou da história, se há interesse em repetir a leitura completa ou alguma parte que mais gostou. O potencial crítico desenvolvido pela criança contribui para a formação de opinião própria, com a formulação dos próprios critérios, com a admiração pelo autor, pelo gênero literário, pela ideia e pelo assunto que compõem a história.

É importante observar o momento em que a criança perde o interesse pelo livro e, em alguns casos pode passar a rejeitá-lo. Isso pode acontecer quando ela achar o livro infantil chato, de modo que o assunto já não lhe agrada ou não lhe satisfaz mais. Esta é a hora de trocar o livro por outro, com novos assuntos e sensações que despertem outras curiosidades.

É válido destacar que os livros de contos de fadas são exemplos de livros eternos que os séculos não conseguem destruir, que são redescobertos a cada geração, mantendo seu encantamento sobre seus ouvintes e leitores de todas as idades. Nesse sentido, como já apontado, a literatura infantil leva as pessoas a diferentes formas de aprendizagens, indo desde a imaginação até a realidade de cada um.

Ao possibilitar as novas formas de aprendizagens para a criança, a literatura infantil vai construindo a cada nova descoberta, seu processo de desenvolvimento cognitivo. Daí pode-se destacar o valor fundamental da literatura infantil no desenvolvimento global da criança (DE PAULA e COSTA, 2016).

Na concepção de Abramovich (1997), os contos de fadas persistem até hoje, porque lidam com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da e à condição humana. Dessa forma, esses contos de fadas, são importantes e prevalecem até os dias atuais.

Tratando da natureza desse gênero literário, Abramovich (1997, p. 121) argumenta que “A magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de aberturas e portas”. De acordo com Abramovich (1997, p. 23) “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musical, o sair, o ficar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal tudo pode nascer dum texto”.

A autora mostra também que não se deve explicar para a criança o porque o conto de fadas é tão cativante e encantador, pois ao revelar a ela o segredo, destrói o encantamento das histórias, o que faz a criança sentir-se maravilhada com a história. Além de perder o encanto, perde também o potencial da história, que ajuda a criança lutar e dominar o problema, o que torna a história estimulante.

As interpretações dos adultos, tira da criança a oportunidade de se sentir capaz, de fazer sua própria interpretação. Ela ainda ressalta que nós crescemos, porque encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos, por termos entendido e conseguido resolver problemas pessoais de modo autônomo e não por eles terem sido explicados por outros.

Infelizmente, atualmente, a contação de histórias está sendo restrita a apenas poucos pais e alguns educadores escolares, o que é um erro, pois toda pessoa que gosta e se sinta disposta a contar e recontar histórias de maneira especial para as crianças devem contribuir, com esse ensino-aprendizagem.

Essa contribuição vinda dos pais ou por outras pessoas, leva as crianças ao hábito de ouvir histórias mantendo um vínculo afetivo com o contador que pode despertar o interesse da criança pela história dando vida aos personagens, suspense nas entonações vocais, nos dramas, dando doses de romantismo nas cenas amorosas e nas surpresas contidas nas histórias.

Segundo Bettelheim (1980), é de suma importância que os pais participem, compartilhem os contos de fadas que despertam as emoções nas crianças, pois além de proporcionar prazer, contribuirá para um bom desempenho no processo de ensino- aprendizagem de seus filhos.

Quando a história que está sendo contada para a criança com sentido, elas expressam aquilo que pensam, sentem e acreditam. Isso contribui para que se tornem sujeitos conscientes e capazes de interpretar e entender a sociedade em que vivem.

Nos dias atuais, os contos de fadas têm-se revelado como condição para responder adequadamente às demandas do ensino-aprendizagem, como a formação da identidade própria de cada criança. Daí, a

importância de fazer uso da leitura, inclusive, dos contos de fadas. Para que essa leitura seja construtiva, precisa despertar o interesse da criança.

Além disso, é importante salientar que é preciso respeitar a sua faixa etária, para que a criança compreenda o que está lendo, ou sendo lido e possa fazer uso e se apropriar da função social dessa prática.

É importante que os adultos estejam atentos, pois existem várias formas de estimular a criança a ler e fazer da literatura infantil algo interessante, divertido e prazeroso. Uma das formas de estimular é oferecer livros de modo, que a criança se sinta livre para escolher o que mais lhe agrada, seja, na biblioteca, na livraria, na escola ou outro lugar. Abramovich (1997, p. 163) mostra que

se a criança é a única culpada nos tribunais adultos por não ler, pede-se o veredicto, inocente... Mais culpados são os adultos que não lhes proporcionam esse contato, que não lhes abrem essas e outras, trilhas para toda maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras.

Assim, conclui-se que com o passar das gerações os contos de fadas passaram por transformações e adaptações para atender ao público infantil, e continuaram a ser contadas oralmente, despertando a curiosidade do ouvinte.

No entanto, assim como apresentado ao longo deste trabalho, mesmo com tantas mudanças, a prática de contar histórias perdura até a atualidade. As pesquisas e os estudos realizados revelam a importância da contação de história no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança.

Os contos continuam encantando as crianças que, muitas vezes, se sentem como se fossem o próprio personagem da história, deixando-as mais seguras para enfrentar os conflitos reais encontrados no seu dia a dia.

Portanto, nos contos de fadas a criança encontra segurança para enfrentar e controlar o medo dos perigos do mundo hostil. Após essa abordagem que refletiu acerca da importância dos contos de fadas na formação da criança, a seguir, procuramos discorrer a respeito do uso desse gênero literário na sala de aula.

3.2 O contos fadas na sala de aula

De acordo com Corso e Corso (2006), muitas vezes há um mal entendido entre os adultos e os produtos culturais consumidos pelas crianças e adolescentes. Isso resulta do fato de muitos pais não terem influência e autonomia sobre a educação dos seus filhos. Parte dos pais transfere a sua insuficiência, os seus medos e as suas inseguranças sobre os valores aos outros como a escola, a história e, assim, se sentem livres das suas obrigações. Porém, as histórias só mobilizam aquilo que a criança tem em seu interior. É importante destacar que a sua personalidade é constituída, especialmente, pela família que lhe transmite de modo consciente e inconsciente os valores que constroem a sua identidade.

Nesse cenário, é importante destacar que escola é a instituição social onde a criança passa a maior parte da sua infância, onde pessoas de diferentes formações convivem diariamente. Assim, essa instituição deve ser um ambiente agradável e interessante, que possibilite o desenvolvimento da capacidade física, cognitiva e afetiva das crianças.

Portanto, a escola deve ser em um ambiente que favoreça o desenvolvimento das atitudes, dos valores, dos conhecimentos, e que tenha como objetivo trabalhar as diferenças raciais, étnicas, culturais, conflitos familiares, conflitos pessoais, afetivos, profissionais com o objetivo de evitar a formação de preconceitos dentro e fora da escola, ou dentro da própria sala de aula. O trabalho com a literatura infantil pode ser um meio viável para se chegar a esse objetivo. Isso se dá, porque para as crianças, a leitura é uma aventura fascinante que vai mais além do que um simples ato ler. Segundo Bettelheim (1980, p. 68) “para elas [as crianças] ler significa penetrar e participar do mundo secreto dos alunos”.

Segundo Corso e Corso (2006), estamos vivendo em um tempo que as crianças adoram novidades. Assim, surge a importância que os educadores acompanhem as novidades atuais, para que não tenham dificuldades para compreender o raciocínio da criança.

Atualmente, existem muitos brinquedos, filmes, games, livros, teatro, brincadeiras com amigos, programas de televisão, *tablets* e até mesmo celulares que prendem a atenção das crianças, de modo que se sentem atraídas e fascinadas pelo prazer proporcionado pela tecnologia atual. Por isso é de suma importância que a escola se torne um ambiente que estimule a leitura, para que favoreça que as crianças desenvolvam a sua imaginação.

De acordo com Silva (2013), uma vez que o professor passa a maior parte do tempo em contato com as crianças dentro da sala de aula, é muito importante que ele proponha situações divertidas e prazerosas, mas sejam realizadas com responsabilidade e que tenham valores concretos, mostrando para a criança o verdadeiro objetivo de ler uma boa história. Dessa forma, poderá transformá-las em verdadeiros leitores. Para formar leitores, não basta ensinar a criança a ler, é necessário desenvolver a capacidade de ler e, além disso, estimular o gosto pela leitura e assumir o compromisso com uma leitura construtiva.

Essa autora mostra que aprender a ler não é uma tarefa fácil, visto que requer um imenso esforço, tanto do aluno como do professor. Nesse sentido, o professor precisa se esforçar para conseguir, de fato, ensinar. Para isso, precisa fazer uma leitura que cativa e desperte na criança o gosto e a admiração pelo livro que estiver sendo lido. O aluno, por sua vez, precisa se esforçar e querer aprender a gostar de ler. Para estimular o gosto pela leitura da criança, é preciso que as crianças sejam incentivadas tanto na escola como em casa pelos pais, haja vista que é no lar onde a criança inicia a sua formação como leitora.

Um dos grandes méritos da escola deve ser colocar o universo mágico dentro das experiências sociais da vida das crianças. Antes de inserir a criança na escola, o seu aprendizado se reduz ao ensino familiar, ou seja, são os pais, os irmãos, os avós, os tios, primos ou até mesmo alguns vizinhos os que recebem primeiramente essa incumbência. Porém, a realidade familiar de hoje difere da realidade da família tradicional, em muitos casos, as famílias de agora são uni parentais ou de pais separados ou que nunca têm tempo de ensinar devido às longas e exaustivas jornadas seu trabalho.

Além disso, muitas vezes, as crianças são deixadas aos cuidados dos avós ou tios, isso sem contar com os casamentos passageiros e a desestruturação familiar. As mudanças na estrutura familiar têm ocasionado no individualismo, assim como tem propiciado condições que desfavorecem a solução dos problemas da educação.

Diante de tantos problemas familiares que a criança encontra, cabe à escola garantir um pouco de estabilidade e condições de desenvolvimento da vida social da criança. A escola pode alcançar esse objetivo por propiciar à criança o crescimento por meio da leitura. Nesse sentido, é pertinente a abordagem de Coelho (2000, p. 114) ao afirmar que

a leitura total é a conquista do meio instrumental de compreensão, de tomada de posse da informação, em sentido amplo. Isso supõe uma dinâmica interrogativa diante dos acontecimentos do texto e da imagem. O livro deve responder a todos as curiosidades [...] elemento insubstituível para conduzir o leitor a uma atitude viva, a uma atitude crítica.

De acordo com Oliveira (2010), o hábito de contar histórias nas escolas existe há muitos anos, porém, a maioria dos professores não tomou conhecimento da importância que os contos de fadas exercem sobre a imaginação infantil, assim como o quanto podem ajudá-los em seu processo de ensino-aprendizagem.

Os contos de fadas despertam a curiosidade das crianças e as incentivam a participar da leitura. Assim, o professor tem a oportunidade de apresentar o quanto a leitura de histórias pode ser deliciosa para os seus alunos, dentre elas os contos de fadas, visto que podem auxiliar no processo de desenvolvimento individual de cada um, seja na escola ou nas relações sociais cotidianas, além de transmitir valores e atitudes éticas que facilitam a convivência da criança tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em que está inserida.

É importante destacar que educar não quer dizer que a criança tenha que ser mantida no mundo de fantasia e da imaginação. Ao contrário do que alguns podem imaginar, as crianças têm suas próprias opiniões, são criadas num ideal democrático onde aprendem a não aceitar o que não compreenderam e a questionar as leis, as regras, assim como os temas que são motivos de polêmicas.

As crianças que têm uma educação familiar e escolar são aquelas que são estimuladas e incentivadas à curiosidade, à criatividade e à capacidade de questionar os assuntos vividos no seu cotidiano. Nos contos de fadas podemos encontrar muitos personagens que ilustram essas qualidades e que servem como exemplos para as crianças.

A ficção, seja adulta ou infantil, ajuda o indivíduo a encontrar algo que dá sentido à compreensão dos seus sentimentos, afinal todos precisam de fantasia, para suportar as dificuldades da vida. No entanto, não devemos confundir a oferta da fantasia com a realidade, ou seja, não podemos transferir a educação para a fantasia, pois pode confundir a infância com a puerilidade, desmerecendo a curiosidade das crianças, transformando o mundo em tons pastéis.

O principal motivo de tornar a educação da criança em um tabu é privá-las dos problemas existentes na vida real. Muitas vezes, os adultos implantam nas crianças a ilusão de que os bons podem resolver os conflitos daquelas situações.

Quando ocultamos a verdade ou o problema da criança, estamos permitindo que elas descubram sozinhas, isso pode ocorrer abruptamente, de um modo mais estressante deixando-as, mais confusas e traumatizadas com a realidade do mundo, ou pior ainda, pode favorecer que se tornem adolescentes depressivos.

Mesmo diante dos estudos realizados, ainda não existe a receita de quando, quanto e como devemos trabalhar as dificuldades do mundo com as crianças, pois trabalhar as dificuldades com as crianças requer muito cuidado, para que não ocorram mal-entendidos, causando um mal maior como, por exemplo, a depressão.

É importante deixar claro para as crianças que as dificuldades existem, mas que podem ser resolvidas por meio de diálogos e estratégias, assim como elas veem nas histórias narradas pelos contos de fadas.

A fantasia e a ficção são recursos importantes para o desenvolvimento da criança, que pode compreender os problemas reais de maneira menos agressiva, mas sabendo que os problemas existem e, portanto, são reais e precisam ser resolvidos.

Ao contrário do que alguns talvez possam pensar, ensinar a criança por meio da fantasia e da ficção, não quer dizer que as crianças estão vivendo em um ambiente pobre, repleto de conhecimentos simplórios ou que tenham final feliz a qualquer custo. Para muitos escritores a fantasia, a imaginação e a ficção são importantes para o ensino-aprendizagem, porque desenvolvem na criança a capacidade de criar e questionar sobre as situações que lhes são expostas.

Marafigo (2012) destaca que a maioria das crianças só tem acesso à leitura e aos livros quando inicia as atividades escolares, daí a importância do papel do professor como mediador em proporcionar aos alunos momentos de leitura prazerosa de aprendizagens em espaços adequados a leitura.

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa capacidade de designar é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por de traz de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora são jogos de palavras. Assim ao dar expressão à vida o homem cria um outro mundo poético, ao lado da natureza. (HUIZINGA, 1988, p. 07).

Marafigo (2012) aponta que ao chegar à escola a criança traz consigo uma sucessão de experiências e conhecimentos acumulados por ela mesma. A criança acumula as experiências e os conhecimentos por meio da exploração visual, auditiva, conversas, passeios e principalmente através dos jogos, das brincadeiras, do brinquedo e da contação de histórias contadas a ela, mesmo antes que ela aprenda a ler. Essas experiências compõem a base da construção do processo de aprendizagem da criança que poderão se tornar cidadãos-leitores-críticos capazes de compreender a sociedade.

Portanto, é no processo de aprendizagem da leitura e da escrita que a criança deve ser estimulada a participar de maneira prazerosa das histórias, dos textos, da escrita e da leitura de forma lúdica, afinal é brincando que a criança aprende tornando o aprendizado prazeroso, agradável e afetivo.

De acordo com Scharf (2000), ao levar a literatura infantil, em especial os contos de fada, para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, com o livro, com a sua cultura e a sua própria realidade.

Além de contar ou ler a história, ele cria condições em que a criança trabalha com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Uma história que retratará alguma vivência da criança, ou seja, sua própria história.

A história contada de maneira adequada traz inúmeras possibilidades de aprendizagem como os valores apontados no texto, qual a melhor forma de diálogo com as crianças, possibilita a troca de opiniões e o desenvolvimento da criança na leitura.

Para que a literatura infantil, em especial os contos de fadas, seja vista de forma prazerosa em sala de aula é necessário que os professores criem condições que propiciem que a criança possa interagir com os textos a serem trabalhados oferecendo a ela a possibilidade de entendimento do mundo em que vive e que aos poucos construa os seus próprios conhecimentos (BASSO, 2009).

Segundo Basso (2009), para oferecer um ensino de qualidade às crianças é necessário que haja dedicação por parte dos professores que atuam nessa área de conhecimento, cabe ao professor criar critérios, selecionar obras literárias adequadas de acordo com a faixa etária da criança, além de desenvolver recursos pedagógicos que facilitem a interação da criança com o livro a ser trabalhado e com os colegas.

Segundo Bettelheim (1980, p. 13),

para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que as perturbam.

De acordo com Basso (2009), a literatura infantil na sala de aula estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro e a sua própria cultura. Nessa perspectiva, é importante que o professor propicie condições para a criança trabalhar a história partindo do seu próprio ponto de vista, que permita que ela construa uma nova história criando novas situações, trocando ideia, assumindo atitudes e personagens, que retratará a sua própria história de vida.

No que diz concerne ao trabalho com os contos de fadas em sala de aula, Falconi e Farago (2015) mostram o quanto é importante a contação de história para uma criança, pois a história contada e não lida, desperta na criança a fantasia, a imaginação, diverte, e estimula o seu imaginário, levando-a para um mundo mágico cheio de encantamento e magia.

A história bem contada proporciona atividade divertida, podendo ser um grande aliado ao educador, no desenvolvimento da imaginação e da parte cognitiva da criança, adaptando-a ao contexto social. Portanto, contar história para a criança é de suma importância. Nesse sentido, é importante menciona que são grandes os objetivos a serem desenvolvidos e alcançados.

O conto estimula a imaginação, contribui para o enriquecimento do vocabulário, amplia a linguagem infantil, facilita a expressão corporal, estimula a inteligência, a socialização, a formação de hábitos e ensina os valores sociais e morais necessários para a vida cotidiana. Como aponta Zilberman (2003, p. 84),

o narrador consiste uma figura-chave ao exercer atividades desencadeadoras da narrativa, pois ao proporcionar situações imaginárias favorecendo a fantasia, ele está criando um cenário no qual o herói resolve dilemas pessoais ou sociais. Além de o narrador desencadear a ativação do imaginário das crianças, ele precisa dar coerência na história e nos conflitos que apresentam o conto.

Nos contos de fadas a criança encontra o seu ser psicológico e emocional, dessa forma, a narração de textos desse gênero literário é a forma que ajuda os educadores a compreenderem os problemas internos da

criança e ajudá-las a criarem os seus conceitos e a entenderem os problemas reais. Trabalhar a imaginação da criança a leva a um mundo desconhecido, mas que, no entanto, ela faz referência ao seu contexto familiar.

Portanto, assim como mostram Falconi e Farago (2015), os contos de fadas se tornaram uma parte fundamental para o ensino e aprendizagem da criança, visto que por meio da leitura de um conto, o educador pode oferecer situações para o desenvolvimento integral da criança, estimulando a sua imaginação, possibilitando a resolução de seus conflitos internos e procurando inseri-la no mundo real. Além disso, como já mencionado, ouvir e contar histórias ajuda as crianças a organizarem os seus sentimentos, assim como desenvolver o seu senso moral e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pautando-nos nas discussões teóricas realizadas neste trabalho, mostrou-se evidente que os contos de fadas contribuem significativamente para o desenvolvimento das crianças. Além disso, pudemos perceber o quanto essas narrativas são capazes de favorecer a socialização e o desenvolvimento de várias habilidades, particularmente, estimulam o desenvolvimento da personalidade infantil.

Graças ao poder sedutor e à linguagem simbólica desse gênero textual, a literatura infantil e os contos de fadas em particular fornecem mecanismos essenciais para um desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças. Como vimos, os contos de fadas oferecem – muito mais que um mundo de fantasia em que, geralmente, ao final existe sempre um final feliz – oportunidades de enfrentamento de sérias e relevantes questões da formação psicológica das crianças.

De fato, por meio desses textos, é possível trabalhar vários sentimentos e sensações que fazem parte do universo infantil. Por exemplo: Em *O patinho feito*, trabalha-se a feiura e o complexo de inferioridade em relação à beleza entre irmãos; Já por meio de *Chapeuzinho vermelho* e em *Aladim*, tratamos do medo de estranhos; A insegurança frente a situações inusitadas pode ser explorada por meio de *Alice no país das maravilhas*, *Mogli* e *Peter Pan*; *Cinderela* e *O patinho feito* abordam o tema da rejeição; Em *João e Maria*, encontramos o sentimento de abandono pela ausência dos pais e assim por diante.

É preciso, em razão dessa importância para formação infantil, destacar a necessidade de respeitar os significados mais profundos dos contos de fadas e não extrair dessas histórias o que elas têm de mais relevante em relação ao tratamento de temas desagradáveis como a morte. Na verdade, as crianças precisam aprender que esse final feliz para sempre e essa sensação de que seres humanos são eternos não existe no mundo real. O conceito de finitude ensina que na vida tudo tem início, meio e fim. Portanto, a morte deve ser tratada com tanta naturalidade quanto a vida.

Outra importante contribuição dos contos de fadas diz respeito ao discernimento entre o que é certo e o que é errado, ou seja, à noção de ética. Por exemplo, em *João e o pé de feijão* ou em *O gato de botas*, são mostradas atitudes que ferem princípios éticos em relação à invasão de privacidade alheia, ou ainda, à apropriação indébita de bens alheios. Enfim, tais narrativas conseguem mostrar o ser humano em sua plenitude, ou seja, com qualidades e defeitos e isso é primordial para que a criança aprenda distinguir o certo do errado nas mais diversas situações de convívio social, ainda que o faça pautada em suas primeiras noções desses conceitos.

Uma vez que essas histórias são capazes de explicar, de certa forma, o mundo interior e, com isso, as sensações, as angústias, os medos, os desejos e o próprio pensamento infantil, vimos o quanto é indispensável a parceria entre a escola e a família no sentido de estimular uma prática de leitura diária ou de contação desses relatos fantasiosos para o público infantil.

A escola assume vital importância nesse processo, uma vez que nem todas as famílias de hoje em dia fornecem o contato com textos literários ou mesmo têm adultos dispostos a contar histórias para suas crianças.

Nesse sentido, o professor precisa contemplar em seu planejamento o trabalho com os contos de fadas em atividades interessantes e lúdicas. Com a utilização desse importante instrumento didático-pedagógico, a formação infantil ganhará muito em qualidade, pois conseguirá ser envolvente e significativa para esses sujeitos de aprendizagem.

Finalmente, acreditamos que a validade desse trabalho reside no fato de que ele chama a atenção para a necessidade de se discutir, cada vez mais, a formação docente e o trabalho em sala de aula. Para isso e diante de tudo que dissemos, sugerimos a utilização dos contos de fadas como instrumento formativo em razão de sua importância, aceitação e, sobretudo, de seus significados simbólicos e resultados possíveis em relação à educação da sensibilidade infantil.

BAMBERGERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

BASSO, Cíntia Maria. **A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos**. Santa Maria: UFSM, 2009. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm. Acesso em 14 dez 2017.

BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; Mario Corso. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 9-10.

DE PAULA, Helane Silvério; COSTA, Magnólia Maria. A contribuição dos contos de fadas no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. **Anais do III CONEDU - Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande, PB: Editora Realize, 2016.

DUARTE, Vânia Maria. **Monteiro Lobato e a literatura infantil**. Disponível na internet: <http://alunosonline.uol.com.br/portugues/monteiro-lobato-literatura-infantil.htm>. Acesso em 14 set 2017.

FRANZIN, Adriana. **Quem escreveu Cinderela?** Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/10/quem-escreveu-cinderela>. Acesso em 18 ago 2017.

GUIMARÃES, Carina Ana I; D'AVILA, Carina Basso; SILVA, Estela Maris B. Era uma vez... fantasiando e aprendendo com os clássicos infantis. **Anais do XVI Congresso Internacional de Educação Popular**. Santa Maria – RS: Instituto Federal Farroupilha, 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ática, 1988.

LUIZ, Fernando Teixeira. A história do ensino de literatura infantil no Brasil: um estudo sobre a trajetória da obra de Monteiro Lobato na escola. In: **Nuances: estudos sobre educação**. – ano XI, v. 12, n. 13. jan./dez. 2015. p. 21-31.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MALAMUT, Éster. Contado ou lendo histórias na pré-escola. **Revista do Professor**. Rio Grande do Sul, CPOEC, ano VI, nº 21, jan./mar., 1990, p. 5-6.

MARAFIGO, Elisângela Carboni. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores** (TCC de Pós-Graduação em Educação) Paranavaí – PR: Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí, 2012. Disponível em:

<<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>>
Acesso em 09 out 2017.

MARCELO, Marli Lemos. **A influência dos contos de fadas na formação do caráter infantil**. Universidade Cândido Mendes. Pós-Graduação Lato Sensu – Programa a Vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2012.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, [S.l.], v. 5, n. 1, out. 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>>. Acesso em 15 out 2017.

MATOZZO, Viviane Maria F. A importância de Monteiro Lobato na Literatura Infantil brasileira. (2009) In: **O Guari** – revista eletrônica de literatura. Disponível em: <http://oguari.blogspot.com.br/2009/04/importancia-de-monteiro-lobato-na.html>. Acesso em 17 out 2017.

MEREGE, Ana Lúcia. **Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno**. São Paulo: Claridade, 2010.

NASCIMENTO, Zilda Elena V. **A importância da literatura no desenvolvimento infantil**. (TCC de Graduação em Pedagogia). Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2006.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli T. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. (Monografia de Graduação em Pedagogia). Salvador: Universidade Estadual da Bahia, 2010.

RICHTER, Dieter; MERKEL, Johannes. A função da fantasia dos contos de fada na educação burguesa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 28, nº3, setembro, 1993. p. 113-130.

SALES, Gutemberg M. Literatura infantil e os contos de fadas na construção de valores e formação das crianças. (2012). **Pedagogia ao pé da letra**. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/literatura-infantil-e-os-contos-de-fadas-na-construcao-de-valores-e-formacao-das-criancas/>. Acesso em 13/10/2017.

SILVA, Ana Maria. A importância dos contos de fadas da educação infantil. 2013. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-importancia-da-leitura-dos-contos-de-fadas-na-educacao-infantil/30151>. Acesso em 18 ago 2017.

SILVA, Valéria Cristina. **Vou te contar... As narrativas: das tramas da vida ao ofício docente**. (Dissertação de Mestrado). Centro de Estudos Aplicados, Mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ. 2008.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1982.

SPLENGER, Maria Laura P. **Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história**. In: *Leitura: teoria e prática*. v. 29, n. 56, 2011. p. 36-43

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Letras**, Curitiba, n. 44, 1995, Editora da UFPR. p. 185-196